

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

TERÇA FEIRA, 7 DE DEZEMBRO DE 1926

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 98-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-
feiras—Não se devolvem os originais—Dos
artigos publicados são responsáveis os seus
autores.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2459

Não concordamos!

Voltamos aos prestamistas. Os prestamistas são o eterno motivo da dor humana e desse oceano de lágrimas que tem nos infelizes mutuários os melhores afluentes. Os seus crimes são tão numerosos que obrigam a um combate ininterrupto, a uma luta sem tréguas.

Já falámos das suas ambições, como já nos referimos aos propósitos do ministro das Finanças. Não olvidamos aos nossos leitores a pretensão dos primeiros em fixar em seis e oito por cento ao mês, respectivamente, o juro do ouro e das roupas.

Não sabemos nem sabemos o que pensa o general sr. Sinel de Cordes a propósito daquela pretensão. Todavia não é prematura dizermos que qualquer transigência do governo, depois das declarações feitas à imprensa de que o juro de 18 % ao ano era suficiente, seria bastante comprometedora para ele.

Ultimamente as coisas começaram a seguir outro rumo. Os proprietários das casas de penhores não conseguindo demover o ministro das Finanças lançaram mãos deste recurso vergonhoso: atirar com os seus empregados contra o titular daquela pista, a pretexto de que o juro de 18 % ao ano obrigaria ao encerramento da grande maioria das casas e por consequência à perda de trabalho dos seus empregados.

E estes, não pesando bem a responsabilidade do seu acto, foram há dias ao ministro das Finanças reclamar providências. Mas em que consistiu a sua reclamação? Na apresentação de uma proposta ao general Sinel de Cordes para que a taxa de juros sobre penhores fosse fixada em 5 % e 7 % ao mês, respectivamente, para ouro e roupas.

Fomos dos primeiros a defender a situação dos empregados referidos. Não participando eles dos lucros dos prestamistas não podiam, em boa lógica, participar dos seus desaires.

Os prestamistas eram os únicos responsáveis. Logo deveriam ser eles os únicos atingidos pelas medidas governamentais.

O governo devia prever a hipótese da resistência dos proprietários de casas de penhores. E essa resistência principia pelo encerramento das suas casas e pelo arremesso para o inábil dos respectivos empregados.

Porisso devia partir do princípio de acatellar os interesses daqueles empregados, aceitando a sua admissão nas Casas de Crédito Popular, visto estarem especializadas naquele ramo de negócio.

Ora era dentro deste espírito que os empregados deveriam orientar a sua reclamação ao ministro das Finanças e não propondo qualquer taxa de juro.

Os seus interesses não são os interesses dos seus patrões! E hemos de convir que da reclamação apresentada pelos empregados dos penhoristas ao governo não beneficiam os reclamantes.

Lamentável é, pois, que não se tivesse visto esta grande verdade.

EM CASCAIS

"A BATALHA" FESTEJADA

CASCAIS, 5.—Como estava anunciada, realizou-se ontem no teatro Gil Vicente, desta vila, a festa de homenagem a Batalha.

Os nossos amigos que a promoveram, sempre esperaram uma maior concorrência, porque confiaram demasiado no operariado da localidade e arredores, que, assim, mostrou tão grande falta de consciência. Sindicatos houve que não ficaram com um único bilhete!

Uma grande parte dos lugares eram ocupados por comerciantes e industriais, que confessavam ter ficado muito bem impressionados com a conferência do nosso camarada Mário Domingues, que recebeu no final uma grande ovacão.

A Companhia Araújo Pereira honrou bem o seu mestre. Uma parte dos elementos, deram-nos por vezes a impressão de artistas de grande fama, tal a forma como interpretaram os papéis.

O tenor sr. Sales Rodrigues agradou muitíssimo, tendo cantado com muita arte alguns números de música.

A orquestra, que também prestou o seu valioso concurso, tocou algumas peças do seu repertório, sob a direcção do seu regente, sr. António Pedro de Oliveira, tendo também agradado bastante, bem como os apreciados cantadores Armando Barata, António Lado e Manuel Machado, tendo este último cantado uma produção do camarada Fernando Rodrigues, dedicada aos bombeiros da localidade.

O pessoal do palco, sr. José Romão, Raúl Passos e José Martins Cardoso, foram de uma boa vontade extraordinária, tendo auxiliado bastante a comissão, bem como os directores do teatro, que ofereceram todas as facilidades.—C.

O MANICÓMIO MISTERIOSO

Uma entrevista com o esposo de uma pobre louca que esteve internada durante sete meses na singular casa de saúde

A mula de refórço do "clisteropata" — Um parêntese para responder a um "moralista" — Os factos falam mais alto do que as asneiras dos idiotas — Confirmando o isolamento ilegítimo de loucos — Um "hospital" que nem possui condições para os doentes se lavarem — Sete meses sofrendo as consequências de um desleixo imperdoável

Era fatal. O sr. Frederico Vilhena, o "clisteropata" do Arco do Cego, para vencer a difícil ladeira em que se meteu teria necessariamente de recorrer a uma mula de refórço. Essa mula é, nem mais nem menos, do que o *Correio da Manhã*, do moralista Pizarro. O órgão da causa monárquica lá vinha no domingo tergando armas pelo sr. Vilhena, que é também da causa e parente de um dos principais *meneurs* da chafarica da rua da Barroca, como ainda havemos de explicar.

Para o *Correio da Manhã* as nossas revelações não possuem cunho verdadeiro. Foram urdidas na fantasia e tinham por fim desviar as atenções do público das larachas que aquele jornal publicou sobre curandeiros.

O pasquim monárquico obriga-nos a um parentese, para lhe dizer: Nós fomos dos primeiros a combater todos os intrujões fosse qual fosse a sua política, fosse qual fosse a sua estrutura mental. Combatemos e combateremos os curandeiros e todos os intrujões, quando da sua acção resultem inconvenientes para o público. Somos contra todos os vigaristas e por isso nunca aplaudiríamos os seus actos.

E' ainda por essa razão que resolvemos revelar o "negócio" do sr. Vilhena. Demais este cavalheiro não é propriamente um curandeiro. Não tem categoria para isso. E' um intrujão, o que é mais grave.

O *Correio da Manhã* não vê estas coisas porque se trata de um correligionário. E porisso Vilhena pode explorar com a loucura, pode viver desse negócio vergonhoso do Manicómio.

O *Correio da Manhã* não aceita como imoral a exploração do sr. Vilhena, como imoral não é a exploração exercida pelo seu director, o sr. Pizarro, numa casa da freguesia de Santa Catarina...

As provas não nos faltam

Nós já demonstrámos, com declarações de algumas pessoas que não contámos nos nossos créditos, que o sr. Vilhena, legitimamente, recebe loucos em sua casa. Provámos que a esposa desse sinistro homem alugara um quarto no rez do chão do prédio 42 da rua Pereira Carriho e nele metera uma louca. Falaremos depois sobre a legislação que regula o internamento e o tratamento de loucos, já que o *Correio da Manhã* a isso nos obriga. E depois ver-se-á se o inocente clisteropata procedeu dentro da lei—desse lei cujo respeito o pasquim monárquico exige dos curandeiros.

O sr. Vilhena é useiro e vezeiro nestas intrujões. Há anos possuía no Campo Pequeno uma "casa de saúde", na qual se fizeram "prodigiosas curas", segundo o *Correio da Manhã*. Também falaremos nessa casa, já que tanto nos convidam... Referir-nos hemos ao que disse a imprensa nessa altura e às "prodigiosas curas" lá feitas. E' uma questão de tempo. Descanse o *Correio da Manhã* que não provar-lhe hemos toda a verdade. Não se esqueça do

seu enorme fiasco no caso do "Espadim Português". Não se esqueça de que essa instituição perigosa teve no órgão monárquico o maior comprometedor.

E depois ver-se-á se é a *Batalha* que não combate os curandeiros e os intrujões ou se é o *Correio da Manhã* que defende criaturas sem carácter.

Um outro depoimento

Entretanto prosseguiremos no exame à obra do sr. Vilhena, o pupilo do órgão monárquico. Vamos hoje ouvir outra pessoa e verificar o que ela nos diz da casa da rua Pereira Carriho, essa casa maldita onde se internam loucos com a mesma frieza com que se guardam móveis.

A pessoa que hoje expõe nada de comum tem com este jornal. Conheço-a há poucos dias, depois que revelámos o escândalo. Todavia não teve dúvidas em prestar os informes que desejávamos porque não viu nas revelações da *Batalha* a fantasia que o jornalco da rua da Barroca descobriu.

O sr. Alfredo João de Oliveira, a pessoa a que nos referimos, teve internada na casa do sr. Vilhena sua esposa, D. Gabriela de Oliveira, durante sete meses. Poucas pessoas poderiam falar com maior segurança neste estranho caso.

Sabíamos que este cavalheiro estava hospedado no hotel Bragança. E para ali nos dirigimos nesta ingrata missão de acatellar os incautos das espertezas do sr. Vilhena, que tão protegido está.

Mais uma vítima do sr. Vilhena

O sr. Oliveira recebeu-nos amavelmente no referido hotel. Não desejava tratar o caso, porque basta-lhe o desgosto de ter sua esposa internada em Rilhafoles quanto mais referir-se à sua passagem pela casa da rua Pereira Carriho.

No entanto, no desejo de prestar um bom serviço de informação, não tem dúvidas em contar o que se passou com ele e sua mulher no estranho Manicómio.

Foi inspirado nesse desejo que pronunciamos as primeiras frases da entrevista:

—Minha mulher sofre de alienação mental. Segundo o diagnóstico médico trata-se de um caso de demência precoce. Como não a podia ter em casa e a conselho de uma pessoa conhecida, entrei em negociações com o sr. Frederico Vilhena para a admissão dela em sua casa, que me disse estar em condições para o tratamento de alienados.

—Mas para a casa do Arco do Cego?

—Não, meu caro amigo. Por essa senhora da casa da rua do Arco de Cego é que me foi indicado o sr. Vilhena. Minha mulher ia para a rua Pereira Carriho, 42-1.º, para a residência particular daquele senhor.

—E essa casa tem realmente condições para internar alienados?

—Compreende. No Manicómio não internavam minha mulher, eu não a podia ter

na minha companhia; necessariamente tinha de lançar mão de um recurso.

Sete meses incomunicável num quarto

—E foi esse recurso?...

—Interná-la em casa do sr. Vilhena, que me diziam ser uma pessoa idónea, pois já possuía um estabelecimento de cura para alienados no Campo Pequeno.

Como justificão:

—Com estas recomendações, quem é que nas minhas condições recebia? Ninguém. Foi o que sucedeu comigo.

—Qual o tratamento recebido por sua esposa?

—Olhe: minha mulher esteve sete meses internada sob a responsabilidade do sr. Vilhena. Mais de quatro meses na sua residência particular e cerca de três meses na casa de D. Lisanda de Oliveira, que mora no rez do chão do prédio onde reside o sr. Vilhena.

E prosseguindo:

—Minha mulher tinha nessa casa como médico assistente o dr. António Augusto Fernandes. Tratamento não recebia. Como sabe, essas doenças o tratamento é pouco mais do que a alimentação e o isolamento. Todavia minha mulher tomava uns calmantes para sossegar...

—E que tal era o compartimento onde ela se encontrava?

Uma singular enfermaria

—A enfermaria estava instalada num vulgar quarto. As janelas e portas estavam preservadas por cadeados. E a paciente conservava-se ali eternamente sem sair. Ali satisfazia todas as suas necessidades e ali era lavada pela empregada que a esposa do sr. Vilhena tratava por "enfermeira".

—Nunca saía desse quarto?

—Não senhor. Nem mesmo para tomar banho. Lavava-se no quarto. A casa não possuía quarto de banho de forma que nem para isso ela abandonava o quarto. Vivia ali isoladamente, apenas com a tal "enfermeira".

—Isso tanto no quarto do primeiro andar como no do rez do chão?

—Com pouca diferença. A doente não tinha ordem para sair e não sala.

—E o senhor visitava sua mulher?

—Porque me opuz. De vontade da mulher do sr. Vilhena e deste eu nunca veria minha esposa. Era esse o seu desejo!

—E porque retirou de lá sua mulher?

—Meu caro, não havia dinheiro que chegasse para pagar as exigências do tratamento. Por isso retirei de lá minha mulher e fi-la internar em Rilhafoles onde ainda se encontra infelizmente!

Despedimo-nos do nosso entrevistado. E viemos para a redacção contar isto aos leitores para irritar o *Correio da Manhã*, que se calhar é ousado ao ponto de dizer que o sr. Alfredo de Oliveira não existe...

NÃO SOMOS PELA MORTE, MAS PELA VIDA!

Há então três sindicalismos?

Ao camarada que no recente Congresso da Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa teve umas, quanto a mim, estranhas expressões, que serenamente critiquei no meu artigo de 14 de Novembro, cumpre-me dizer que só respondo pelas afirmações que faço e não pelas que quaisquer pessoas, ainda que na melhor das intenções, possam porventura atribuir-me. Esforço-me sempre, exactamente para evitar confusões, por ser o mais claro possível em meus dizeres, e desejaria que todos os camaradas tivessem a mesma preocupação, para que os leitores, sobretudo os leitores operários, a quem estas questões especialmente interessam, pudessem, sem grandes lucubrações, tirar conclusões ajustadas.

Quando disse, por exemplo, que a discussão nem sempre foi elevada—e isto é incontestável—não me pronunciei, suponho eu, de modo que alguém pudesse legitimamente deduzir que se assim sucedeu se deve o facto só aos delegados dos organismos confederados, o que não corresponderia à verdade, nem faria sentido. E não faz sentido pela simplicíssima razão de haver prestado justiça à acção de alguns desses delegados e também por se ter tornado bem patente que entre os representantes dos sindicatos não confederados estava uma leia d'ia deles que, no que respecta a tolerância, não conta deram de si, à semelhança do que sucedeu com outros que estavam em posição contrária. Afirmei, sim—e isto é tão diferente!—que alguns militantes do sindicalismo "caíram, mercê talvez da posição ambigua em que se collocaram, em frequentes contradicções doutrinares e, pela forma como geralmente se conduziram, mostraram não ter empenho nenhum em que se chegasse a um entendimento, no que, quanto a mim, andaram pouco assisadamente".

E se então não precisei, nada me impede agora de acrescentar que o meu opositor é o principal visado, por ter sido exactamente ele quem, sob aquele aspecto, mais se salientou.

O camarada em referência, que tem aliás qualidades—e se eu sustentasse agora o contrário mostrar-me-ia tão fútil como ele nos últimos tempos se vem mostrando, o que registei com desprazer—, continua mantendo as expressões que eu combati, acrescentadas agora destouta, não menos singular: que quando a Confederação viesse a desligar-se da A. I. T. já o sindicalismo revolucionário teria morrido em Portugal!

Muito fúnebre está agora o nosso amigo, que só a morte lhe aparece ante os olhos! Não esquece que antes da A. I. T. vir ao mundo—esclareça—já existia em Portugal uma organização sindicalista, mas saí-se-nos com a afirmativa de que quando alguns dos agrupamentos que constituem aquela Internacional a achasse prejudicial, negava, só por isso, os princípios e a orientação próprias!

Quere isto dizer que pode a A. I. T. continuar fazendo não sindicalismo, mas anarcosindicalismo, que é uma acção algo diferente; pode verificar-se que a manutenção de uma adesão, tumultuariamente resolvida, contribui para pulverizar as forças sindicais portuguesas; podem, enfim, passar listas portuguesas, pela circunstância de se reconhecer isto e o mais que se omite, e a despeito de se achar prejudicial aquela ligação, há que mantê-la, sob pena de se negarem os princípios.

E eu a supor que, sempre que se reconhece um erro, haveria mais utilidade e seria até mais nobilitante não perseverar nele, mas pôr-lhe termo, sobretudo quando está em jogo não a simples vida dum homem, mas a dum organização de classe!

Com que então, morte certa? É mesmo quando, como no caso sujeito, se trata não dum autêntica Internacional Sindicalista, mas dum agrupamento de tendência, à semelhança do que sucede com as duas outras Internacionais, isto é, as de Amsterdão e de Moscúvia?

Afirma-se a fraqueza do nosso movimento sindicalista não reside na adesão à A. I. T., mas no facto de elementos, que até 1920 estiveram integrados nas táticas e princípios do sindicalismo, terem depois pretendido modificar essas táticas e princípios em favor do Partido Comunista.

Sobre este capítulo poderia dizer muitas coisas, o que não faço para não deslocar a discussão. Limitar-me hei, por isso, a objectar que se por banda daqueles elementos houve uma tentativa, por parte dos orientadores da central nacional não se verificou uma atitude de simples defesa das "táticas e princípios" da C. G. T., antes se registou uma acção que colide com um dos fundamentos do sindicalismo revolucionário, o qual passou a ter como adição a exerecência... e libertário, no sentido anarquista, o que não é menos condenável.

Dizer que da adesão à A. I. T. resultam benefícios para a organização sindicalista portuguesa, é fácil; mas fazer a correlativa

demonstração é que se me afigura difícil. Porém, se se registam benefícios, é em que consistem? Eu não os enxergo, talvez porque sou miopo.

Pergunta-se: é que sindicalismo viria a resultar da nossa desligação da A. I. T.? É o "moscovitismo" ou o "amsterdãndismo"?

Eu responderia que, se não fosse o perigo da "nachada mortal", seria o sindicalismo propriamente dito, isto é, aquele sindicalismo que agrupa, fora de toda a escola política, todos os trabalhadores conscientes da luta a travar para o desaparecimento do salariato e do patronato, o mesmo sindicalismo que afirma a inteira liberdade para o sindicalista de participar, fora do agrupamento corporativo, das formas de luta que correspondam à sua concepção filosófica ou política, limitando-se a pedir-lhe, em reciprocidade, que não introduza no sindicato as opiniões que professa fora.

Concretizando: um sindicalismo que não é de Amsterdão, nem o de Moscúvia, mas que não é também o de Berlim, porque não sendo de tendência socialista ou comunista, igualmente não é anarquista.

Alude-se, por fim, ao congresso de Tomar e à União Operária Nacional, para se concluir que não foram "as táticas e princípios" dos socialistas que triunfaram, a despeito dos esforços que estes fizeram. Assim foi, efectivamente. Triunfou a orientação dos sindicalistas, que de facto se mostraram os mais activos, os mais lutadores. Mas há que juntar, já que o meu opositor prudentemente o omitiu, que se triunfaram os últimos foi porque tendo impedido que a U. O. N. viesse a ser absorvida pelos socialistas, igualmente tiveram a preocupação de a não entregar nas mãos dos anarquistas.

Se me provassem que nos últimos anos se tem procedido da mesma forma em Portugal, confundir-me hiam. Simplesmente... Simplesmente está aí uma tarefa que se me afigura um tanto bíduca.

Alexandre VIEIRA

A moagem suíça com pouca sorte

BERNE, 6.—O referendun popular regeitou por grande maioria, o projectado monopólio cerealífero.—L.

Ainda a U. I. E., Pereira da Rosa e "O Século"

Pereira da Rosa disse um dia que não voltaria a ler a *Batalha*. Compreendemos a esperteza daquele falso desdém. Como as verdades que então proclamávamos eram demasiado peizadas e ele não podia desmentil-as, assumiu aquela atitude digna e cômoda para evitar os desaires que lhe acarretaria uma discussão com o porta-voz da Organização Operária.

Ora, nós conhecemos os homens e sabemos de que fragilidades eles são feitos. Estamos, portanto, ao escrever estas linhas amargos, a ver a cara que o actual dono do *Século* faz ao percorrê-las, irritado, com a vista e o sobreenho carregado. Mas admitindo a hipótese absurda de que Pereira da Rosa não nos lê, não impediria, nem impedesse esse facto, que nós prosseguamos nas nossas considerações. Nós, de resto, não escrevemos para agradar ou desagradar ao sr. Pereira da Rosa, ou Pereira da Rosa, como lhe queiram chamar. Escrevemos para elucidar os nossos leitores das misérias morais, dos destrambelhos sociais a que dá lugar a sociedade capitalista onde vivemos. Escrevemos para contar a verdade—dão eia a quem doer.

A esperteza do grupo voraz

O que antecem contámos da manobra dos actuais possuidores do *Século* é edificante. A maneira como eles, arvorando-se em paladinos de uma causa reles da classe capitalista, conseguiram comer a esta as papas na cabeça, como chegaram até à posse do *Século*, é assombrosa. Não contámos, porém, detalhadamente a forma audaz, como eles—os três irmãos unidos na patifaria—conseguiram subtrair o *Século* das mãos da U. I. E., com a mesma facilidade e subtileza com que um carteirista industrioso retira um relógio do bolso de um cavalheiro distraído. Vamos hoje contar o caso pormenorizadamente para que os leitores avaliem da esperteza dos melros e da cobardia das forças económicas, que tão tesoas se mostram quando se trata de conceder ao proletariado o que é justo.

As condições do negócio

Dissemos antecem que os industriais cavalheiros, conseguindo insinuar-se no ânimo lórpa das chamadas forças económicas, se alcandoraram a vogais da comissão instaladora da U. I. E. Desse posto de acção manobravam melhor. Os três da vida airada Rosa, Oliveira e Amzalak—sabendo que dois directores da Associação Industrial Portuguesa mantinham boas relações com a Moagem, de odiosa memória portadora de um lote de acções de *O Século*, que constituía a maioria do capital, solicitaram desses directores a sua intervenção para que a referida Moagem cedesse à União dos Interesses Económicos a sua posição. Estes acedem, e depois de várias "démarches", foi realizada a operação de compra e venda sob as condições impostas pela administração da Moagem (Companhia Industrial de Portugal e Colónias), de que o jornal não atacaria as instituições. A Moagem estava muito grata às instituições—e tinha razão... O povo que o diga... E ainda como condição: defenderia a boa política económica preconizada pela U. I. E., e mediante o pagamento das acções a 275 escudos e dos suprimentos que a Companhia Portugal e Colónias havia feito à empresa de *O Século*, pagamento este a fazer mediante a entrega de parte da quantia no acto de se firmar o contrato, e o resto em prestações com a garantia de um Banco ou casa bancária.

Um "benemérito" intrujado

Viram os leitores bem as condições do negócio. Tomem sentido para melhor compreender como o grupo burlão o realizou com o dinheiro dos outros.

Para efectivar, portanto, a operação era

necessário arranjar a importância da primeira prestação e o aval bancário. O Banco escolhido foi o Português e Ilhas, porque o grupo solicitou a protecção de Alves Diniz da administração deste estabelecimento—e a cousa arranjou-se. Alves Diniz era também director da Associação Commercial de Lisboa, e, porisso, defendeu a operação junto dos seus colegas do Banco.

Obtido este triunfo—mal pensando Alves Diniz que estava sendo comido, o que não lamentamos—foi convocada uma assembleia na Associação Commercial, na qual Carlos de Oliveira, Pereira da Rosa, Amzalak e acolitos apresentaram Alves Diniz como um benemérito. Pudera—favorecia-lhes os desígnios...

Caíram na armadilha!

Alves Diniz era um exemplo de generosidade a seguir. Assim o apresentou o grupinho voraz. Nestas condições pediram as "forças-vivas" que o imitassem, auxiliando-os com dinheiro e crédito para efectivar a operação com a Portugal e Colónias.

Agora reparem os leitores como eles prepararam a armadilha. As quantias emprestadas seriam pagas e as responsabilidades ilibadas, logo que se collocassem as acções por meio de venda nas classes económicas ali representadas pelas direcções das respectivas associações.

O *truc* deu resultado. As "forças vivas" julgando-se a caminho de um triunfo que lhes permitiria esmagar e espremer melhor o proletariado e o povo consumidor, acorreram pressurosas fornecendo dinheiro, prestando o seu crédito e assinando letras de favor para que se ultimassem a operação. Iam ter nas unhas o *Século*, a grande força de opinião pública que criaria ambiente favorável às suas pretensões ilícitas.

E como o grupinho insaciável se apresentava como trabalhador incansável em prol da causa chôca da burguesia, premiaram-no nomeando Rosa, Oliveira e Amzalak para a futura administração do *Século*. Era o que eles queriam!

Dinheiro em troca de papelinhos

Depois era preciso um cabeça de turco. Acharam-no. Era o banana do Trindade Coelho, que eles queiramam mais tarde em campanhas tenebrosas e que depois arremessaram à rua como trapo inútil. Foi bem feito.

Ao mesmo tempo procedia-se com grande entusiasmo à colocação das acções, com as mãos dos associados comerciais, industriais e de Agricultura. Ora essas acções estavam depositadas no Continente e tinha a caucionar as prestações ainda em dívida à Moagem, e que deviam ser resgatadas com o dinheiro de compra que os novos accionistas iam passando, confiantes, para as mãos dos irmãos unidos no negócio.

Aquilo foi um delírio! Ao chamamento entusiástico dos *meneurs*, acorreram os sócios das associações comerciais a entregar o dinheiro das acções. Mas os Pereira da Rosa não lhes davam as acções. Vieram os industriais, por intermédio da sua associação, entregar centenas de contos, também em troca dos tais promeadores papelinhos. Vieram os da Associação de Agricultura, que foram mais espertos, porque exigiram os títulos que lhes foram entregues.

E o grupinho viu-se de repente na posse de muito dinheiro, muito dinheiro!

E instalaram-se no *Século*. Mas nunca resgataram as acções, apesar de terem recebido centenas de contos para isso. E nunca deram as acções a quem lhes tinha comprado. E agora, como se vê, deram um pontapé na União dos Interesses Económicos—a proprietária do *Século*, ficaram-lhe com o jornal e ainda a espancam desalmadamente. Também achamos bem feito.

Uma atitude O capitalismo une-se

O tenente de infantaria, sr. Manuel de Jesus Campos, que andou fiscalizando as escritas das fábricas de Moagem, decidiu entregar a sua participação nas multas impostas, no valor de 15 contos, à imprensa diária de Lisboa, a fim-de que esta a destine aos seus protegidos.

Aquele senhor veio depositar na nossa administração a quantia de mil escudos, tendo-nos referido a escandalosa protecção dispensada por sucessivos governos à existência escandalosa da Moagem.

AS TEMPESTADES

OS GRANDES FRIOS

NEW YORK, 6.—Segundo comunicam de Sault de Saint Marie, no Estado de Michigan, a temperatura desceu ali a 12 graus abaixo de zero, gelando o lago superior. Os navios que nele fazem carreiras estão completamente imobilizados.—L.

UM CICLONE DESTRUIDOR

BUCAREST, 6.—Sobre esta cidade caiu uma violentíssima tempestade, tendo ficado destruídas todas as linhas telegráficas e telefónicas em torno da capital.—L.

A' borrachada

LONDRES, 6.—"O Observer" nota que os produtores ingleses da borrracha são obrigados a defender-se contra os consumidores americanos que acabam de constituir um grande Sindicato.

O mesmo jornal aconselha a organização em Inglaterra de um grande Sindicato de produtores.—L.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulada *El drama de um amor vulgar*, de J. Rodriguez Aragón. — Preço, 5\$00. — Pedidos à administração de A *Batalha*.

Biblioteca de Instrução Profissional

Manuais de officios	
Galvanoplastia.....	18\$00
Motores de explosão.....	20\$00
Navegante.....	16\$00
Cimento armado.....	25\$00

Só às vezes...

LONDRES, 6.—Os círculos oficiais declararam não ter o menor

Teatro da Trindade

TELEF. T. 978
Companhia LUCILIA SIMÕES-ERICO
BRAGA
HOJE — às 9 1/4 da noite — HOJE
Primeira representação da comédia em 4
actos de George Sand, trad. de Ramalho
Ortigão,
O Marquês de Villemer

A peça mais encantadora de todos os
tempos.
Nos principais papéis LUCILIA SIMÕES,
Amélia Pereira, Maria Sampaio, Irene
Isidro, Erica Braga, Joaquim Almeida e
Samuel Diniz.
Cenários de Campos & Oliveira e Luz
& Almeida.

BILHETES À VENDA
Venda de bilhetes sem locação. — Fautouils
(toda a plateia) de 1.º, 800 e 2.º,
400 e 300; Camerotes, 4000, 3000 e 2000.

A situação do operariado
na Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 3.—Figueira da
Foz não pode dizer-se que seja uma terra
retentamente paritária. Quem tal coisa
dissor labora num grandíssimo erro, por-
quanto ela tem uma numerosa falange operá-
ria.

Porém, como é uma terra onde predomi-
na o espírito de casta, e muito principal-
mente da folgança, da em resultado que
no meio operário vegetal um indiferentismo
censurável.

E assim arrastando o pesado fardo do
anacronismo, a classe operária deixa que,
sobre si, pairam dias de incertezas horri-
veis.

Quando se está verificando uma crise de
trabalho pavoroso, o operariado não procura
amizade a um pouco a sua cruenta situa-
ção. Na Figueira da Foz deve haver
aproximadamente dois mil operários sem
trabalho.

Não obstante, nenhum jornal se refere ao
facto, e por esse facto não há de supor-se
que nesta terra lá de betra-mar plantada não
há crise de trabalho.

Nestas condições surge o espectro fantas-
magórico da fome, por sobre os que têm
de seu apenas os músculos para o traba-
lho. E nestas condições o estômago com o
estrelar dos foguetes do patriotismo, e
deixa ao abandono a Associação de Classe.

E' curioso, porém, notar, que as duas
Associações de Classe existentes nesta ter-
ra, que são as dos Carpinteiros e dos
Empregados no Comércio e Indústria, têm
com as suas congêneres de Lisboa relações
afins.

Porém, ambas têm deturpado ou propo-
sadamente ou inconscientemente os seus
verdadeiros papéis, pois deixaram encami-
nhar-se, uma para o terreno dos bailaricos
e a outra para o desporto, e mais esteri-
lidade.

Enquanto a primeira mantém fixe a tasca
e a psiqueira, a segunda mantém com toda
a unânime um vistoso grupo de futebol.

Entretanto a respeito de movimento
associativo nem tuguem, nem mugem, como
se, afinal, a Causa Social fosse já um facto
e não houvesse na nossa frente uma corte
de exploradores da nossa alegria e do
nosso esforço!

Sim, como se apenas fosse dever dos ho-
mens viverem entre folgança, não tratando
assim de melhorarem as condições de vida.

O operariado figueirense não deve por
mais tempo deixar-se espelhar, o opera-
riado figueirense não deve desprezar a
associação, trocando-a pelo campo de fute-
bol.

Não queiramos rastejar todos na indif-
ferença, e façamos a classe digna e trabalha-
dora.

Não é assim com preguia, discutindo
sobre futilidades, entretendo o tempo que
é precioso em coisas banais que se pode,
amanhã, levantar o numeroso exército dos
explorados.

Quando hoje vimos gritar à classe opera-
ria figueirense que mude de trilha, não
queremos dizer que desejamos que ela se
una a uma próspera de salários.

Nos desejamos que a classe operária lo-
cal, numa completa e sã compreensão dos
seus deveres e direitos, se erga e unifique,
e a par dum luta pela sua situação mate-
rial, fortaleça a barricada dos que alvejam
com tiros certos esta sociedade miserá-
vel que se encontra comodamente instalada
na Torre de Babel do crime, da prepotência
e da desigualdade.

Cremos agora que muito principalmente
os caixeiros irão sorrir quando nos lerem
e verificarem que falamos no desmoronar
deste edifício social. E sorrirão certamente,
porque o ruído da frescata, a indifere-
nça e o empirismo em que vivem, ainda
as não deixaram descorar a formidável luta
travada entre os que trabalham e os que
gozam a vida sem nada fazerem.

E' absolutamente preciso que o opera-
riado figueirense, se una, se organize, mas
tento do espírito sindicalista.—C.

Purgações
e
Prostatites

Curam-se radicalmente na Farm. Ultra-
marina, R. de São Paulo, 101. Purgações,
4 dias. Prostatites, 21 dias. Outros ou re-
centes, curam-se sempre.

MALAS POSTAIS

Pelo pacote «Masella» são hoje expedi-
das malas postais para Dakar, Bissau, Bo-
loma, Pernambuco, Baía, Rio de Janeiro,
Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo
a caixa geral a última tiragem da corres-
pondência às 7 horas. Por via Marselha
ambém seguem malas de correio para a
Índia portuguesa e Macau, efectuando-se a
última tiragem às 11,30 horas.

Ecos do desastre de Alhos Vedros

E' já amanhã, pelas 12 horas, que terá
lugar no Tribunal de Desastres no Traba-
lho, rua da Boa Vista, n.º 9, 1.º, a tentativa
de conciliação entre os industriais Manuel
Martins Pinto Junior e Elias M. Gamaire,
arrendatários da fábrica que há meses ruiu
em Alhos Vedros, a Companhia Lex e um
novo grupo de operários que ali trabalha-
vam, cujos nomes são:

Elvira da Conceição, Madalena Filipa,
Tomás da Costa, Augusto da Fonseca Me-
reais, Amílcar da Silva, Rosa Filipa, Fran-
cisco Frederico, Mariana dos Santos Cor-
deiro, João Techugo, António Gonçalves,
Francisco Peres e José Joaquim David.

TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 15 horas — Soirée às 20,45
HOJE — ESPECTÁCULO SENSACIONAL — HOJE
REAPARIÇÃO
do distinto actor cómico
THOMAZ VIEIRA
no seu vasto repertório de canções,
aneddotas, etc.

GRANDIOSO EXITO do dueto cómico
LES MAROCC
Últimos espectáculos do dueto francês
a grande voz

MARTY ET RIANT
Concerto pela FOZ MELODY BAND
No écran — RICARDITO BOM RAPAZ —
(5 partes)

Os acontecimentos na China

Na perspectiva da greve geral

XANGAI, 6.—A greve geral de Hankow
não foi proclamada hoje, estando pelo con-
trário, resolvidas muitas das greves par-
ciais declaradas na semana passada. As
energias medidas adoptadas pelas autori-
dades chinesas tiveram um tranquilizador
efeito sobre os sindicatos operários.—L.

Concentração de tropas soviéticas

PEQUIM, 6.—Segundo notícias recebidas
pelos jornais, os soviéticos estão concentra-
do várias divisões na fronteira da Man-
chúria, no intuito de atacar as tropas do
norte da China, que estão preparando uma
ofensiva contra as forças soviéticas de
Cantão.—L.

Fantasias

LONDRES, 6.—O sr. Locker Lampson,
sub-secretário dos negócios estrangeiros,
declarou hoje na câmara dos comuns que
as últimas notícias recebidas da China in-
dicam que a situação em Hankow tem me-
lhorado sensivelmente, não tendo sido pro-
clamada a greve geral nem a do pessoal das
alfândegas.

A greve na concessão japonesa foi já re-
glada e prosseguem as negociações para
fazer terminar outras greves parciais, co-
municando o cônsul em Hankow que os pe-
didos formulados pelos grevistas não po-
dem ser considerados de inaceitáveis.

As autoridades chinesas intervieram no
momento oportuno, restringindo os ímpet-
os dos sindicatos e assegurando a obser-
vância das regras das concessões. O sub-
secretário declarou que as autoridades
britânicas de Hankow esperam fazer retirar
hoje da concessão as forças navais desem-
barcadas para a proteger.—(L.)

O estrangeiro através
do telegrafo

Elogio o estrangeiro

GENEVA, 6.—O sr. Chamberlain felici-
tando o conselho pela escolha feita, e o sr.
Stresemann agradeceu ao ministro britâ-
nico as suas amáveis palavras.

O sr. Chamberlain chamou a atenção
para o facto de nenhuma mulher fazer parte
da comissão de higiene da sociedade, e pro-
pôs que uma senhora seja nomeada mem-
bro da mesma comissão. O conselho adiu-
seguidamente os seus trabalhos para ama-
nhã de tarde.—(L.)

O empréstimo

ROMA, 6.—No discurso pronunciado na
estação rádio-difusora de Roma, acerca do
grande empréstimo nacional por subscri-
ção, o conde Volpi, ministro das finanças
disse que, sendo a finança a base da activi-
dade dum país, a operação que vai efectuar-
se concorrerá para a estabilidade da lira e
para o equilíbrio do orçamento, o que evi-
tará uma inflação de notas. O conde Vol-
pi concluiu afirmando estar certo de que o
empréstimo terá um grande êxito, mere-
do do patriotismo do povo italiano, que não
esquece o seu dever de defender os inter-
esses da economia da nação.—(L.)

FIGUEIRA DA FOZ

A batalha vende-se nesta localidade na
barbearia de Fermo Ferreira Pinto da Fon-
seca, na rua da República, 132.

IMPRESSÃO

Recebemos o seguinte comunicado:
Para efeitos da reorganização e completa
remodelação dos seus serviços internos sus-
pende no domingo este diário independente
da manhã que deverá reaparecer ainda esta
semana.—

Teatro Maria Vitória

TELEF. N. 3944
HOJE — Domingo — HOJE
1.ª representação da revista em 2 actos
e 12 quadros original de
Victor Machado, Adriano Mendonça
e João Valentim,
música original de
Carlos Caldeira, Hugo Vidal, Noel Portela
e António Lopes.

TARIFA 1

Estreia neste teatro da gentil actriz
JULIETA SOARES
e reaparição do popular actor
ERICO DE LIMA

Montagem completamente nova — Encena-
ção de Rosa Matos — Direcção musical de
Hugo Vidal — Guarda-roupa de Castello Bran-
co e Empresa Matéria de Teatro.

Su.ensão de taxas

PARIS, 6.—O comité da acção econô-
mica alfandegária dirigiu uma carta ao sr.
Poincaré solicitando a suspensão da taxa
sobre os negócios de exportação, a fim de
que se mantenha o equilíbrio entre os pre-
ços no interior e no exterior.—L.

TEATRO AVENIDA

TELEF. N. 3355
O teatro mais popular de Lisboa
HOJE, às 21,30 horas
COMPANHIA SATANELA-AMARANTE
Espectáculo sem rival em Lisboa e o único
teatro que explora com êxito e agrado,
o género da comédia musical

O Dr. da Mula Ruça

TIVOLI

TELEFONE N. 5474
ÀS 21 HORAS
«A AGUIA NEGRA»
Super-produção, tirada do romance de
POUSKIN, e que tem como prota-
gonista o magnífico «Stara»
Rodolfo Valentino
o inesquecível intérprete de «Os 4 Quinetes
do Apocalypso». A crítica reconhece no
papel do tenente Dubrowsky (Aguia Negra)
a criação mais completa do salubro artista.

Duas Cine-Farças
Dois Documentários
Audição especial pela orquestra, sob a di-
recção do maestro Nicolino Milano.

Catarrros, tosse, bronquites, rouquidão, laringites, pigarro, mau hálito
Curam-se rapidamente com as cigarilhas medicinais BELSAUDE VITERI

DEVE-SE ENGULIR O FUMO. O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR
Fórmula Iraca — pacote 3\$00
forte — carteira 4\$00
fortíssima — carteira 5\$00

Depósito: Vicente Ribeiro & C.
— RUA DOS FANQUEIROS, 84, 1.º Dt.º

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Concerto da Orquestra Portuguesa

Concerto de diversas modalidades musi-
cais foi o quarto da Orquestra Portuguesa
que Fernandes Fão com tanto carinho e
proficiência dirige. Como novidade in-
cluía-se no programa três andamentos de
Corelli, *Sarabanda, Giga e Badinette*. São
três números italianíssimos como contex-
tura e como inspiração melódica. Traçado
simples, intuitivo, sem devaneios de forma
estes trechos recomendam-se principal-
mente pelo fino estilo e pela delicada for-
ma. A orquestra foi precisa e atingiu a li-
zeza melódica que eles exigem. Teve «sou-
plesse». *Pini di Roma*, poema descritivo de
Respighi, é um friso convincente de narra-
tivo, airoso, movimentado, de esbelta orga-
nização orquestral. E' um poema musical
que não fatiga, porque o seu pitoresco é
duma soberba intuição. Neste número do
programa a orquestra foi ampliada com o
concursos de D. Celeste de Sampaio Ribeiro
e D. Sofia de Brito Saldanha.

A interpretação da orquestra teve o in-
dispensável claro-escuro. *O Prelúdio do 3.º*
acto de *Tannhäuser* foi tocado com muita
firmeza. A oitava sinfonia de Beethoven,
página admirável, imorredora de beleza e
de colorido, teve uma interpretação con-
digna, como exacta e elegante foi a do *Ca-
pricho espanhol*, de Rimsky-Korsakow.

Este concerto da Orquestra Portuguesa
foi mais um bom concerto.

Nogueira de BRITO

Academia de Amadores de Música
Realiza-se hoje, no salão desta Academia,
às 21,30 horas, mais um magnífico concêr-
to, o n.º 188, segundo desta época, com o
seguinte programa:

I. Sonata; a) andante; b) allegro, Haydn.
Piano e violino: profs. Frederico de Frel-
tas e Fernando Cabral.
II. A) Aria do Baile de Máscaras, Verdi.
B) Voi! o sapete, o mama, Mascagni.
Canto: D. Maria Amélia Melo.
III. a) Córdo, Albeniz; b) 2.ª Noctur-
ne, Fauré.
Piano: D. Raquel Avelar de Almeida Ri-
beiro.

IV. a) Variações, Mozart; b) Colovia, H.
do Nascimento.
Canto: D. Raquel Bastos.

V. Quinteto; a) allegro com brio; b) an-
dante; c) rondo, Rimsky-Korsakow.
Piano, flauta, clarinete, trompa e fagote
profs. Jaime Silva, Manuel Duarte, Eugébio
de Carvalho, José Marques e Mário Bar-
roso.

A reaparição de Tomás Vieira

Tomás Vieira, um dos nossos melhores
actores cómicos e o nosso melhor artista
de variedades, reaparece hoje no teatro Sa-
lão Foz, onde tantos triunfos tem já obtido,
fazendo canções e aneddotas do seu va-
riado e interessante repertório.

Alem deste popular actor, tomam parte,
tanto na «matinée» como na «soirée», o no-
tável dueto a grande voz Marty et Riant,
em trechos de operas e operetas, e os ce-
lebres duetistas espanhóis Les Marócc que
fazem um esplêndido programa, com os
seus luxuosos cenários.

Dá um interessante concerto a «Foz Me-
loody Band», e os espectáculos abrem com
o «film» de aventuras em 5 partes «Ricar-
dito bom rapaz».

Les Soeurs Dumaine

Les Soeurs Dumaine, as gentis e distintas
artistas francesas que o nosso público tanto
aprecia e admira, obtiveram na sua recente
«tournee» pelo Algarve um sucesso sem
igual no seu novo e brilhante repertório.
Les Soeurs Dumaine apresentaram lindos
bailes de salão e de fantasia, alguns aco-
panhados das mais modernas canções fran-
cesas, evidenciando-se em todo o seu pri-
mório trabalho as artistas consagradas de
sempre.

Em breve partem estas artistas para as
ilhas, para onde estão contratadas.

«O Pinto Calçado»

Despede-se hoje, em duas sessões, do
público do Variedades, a engraçadíssima
comédia, «Era uma vez uma menina...»
Amanhã, em recita extraordinária, a pri-
meira representação, neste teatro, da cele-
berrima farça de Ernesto Rodrigues e An-
dré Bruu, «O Pinto Calçado», peça cheia
de graça, que tendo sido escrita para o
actor Vale, nos antigos tempos do velho
Ginásio, foi depois interpretada pelo dis-
tinto actor cómico, o brilhante actor e co-
mico Silvestre Alegria, ao lado da grava-
mente actriz Maria Matos. Os demais papéis se-
rão interpretados pelo distinto actor Hen-
rique Alves, Paz Rodrigues, Beatriz Bel-
mar, Ruth Margal, que se estreiam neste
teatro e Berta de Albuquerque, Maria La-
gão, Maria de Luna, Miquelina Rodrigues,
João Lopes, António Palma, José Gamboa,
Joaquim Miranda, João Gaspar e José Car-
doso.

Últimas do «Cabaz de Morangos»

A revista «Cabaz de Morangos», que ao
Eden Teatro tem atraído milhares de pes-
soas, realiza tal qual está, na actual sema-
na, as suas últimas representações. Por-
tanto, quem não quiser privar-se de admi-
rar todos os atractivos com que desde a
primítiva, se tem exibido essa célebre peça

«A Aguiá Negra»

Na Rússia dos Tsars. O tenente de cosacos
Dubrowsky luta virgem sua pai, arruinado por
Kárlis. Mãe, apunhalado do seu filho Mascha,
retarda a hora da vingança. Dubrowsky que
incorreu no desagrado da Tsarina, vê-se obri-
gado a desertar. E' dada a ordem de captura. O
tenente, que se disfarça no professor Martinez,
adivinha de se aproximar de Mascha, não é outro
senão «A Aguiá Negra», famoso e temido sal-
teador, celebre pelas suas façanhas cavalheires-
cas e pelas suas rasgas de audácia. Eis o tema
do empolgante «film» de aventura e de paixão
que se intitula «A Aguiá Negra», com RO-
DOLFO VALENTINO, Vilma Banky e Louise
Dresser.

«A Aguiá Negra»

Na Rússia dos Tsars. O tenente de cosacos
Dubrowsky luta virgem sua pai, arruinado por
Kárlis. Mãe, apunhalado do seu filho Mascha,
retarda a hora da vingança. Dubrowsky que
incorreu no desagrado da Tsarina, vê-se obri-
gado a desertar. E' dada a ordem de captura. O
tenente, que se disfarça no professor Martinez,
adivinha de se aproximar de Mascha, não é outro
senão «A Aguiá Negra», famoso e temido sal-
teador, celebre pelas suas façanhas cavalheires-
cas e pelas suas rasgas de audácia. Eis o tema
do empolgante «film» de aventura e de paixão
que se intitula «A Aguiá Negra», com RO-
DOLFO VALENTINO, Vilma Banky e Louise
Dresser.

deve apressar-se em ir vê-la, desde já, ao
Eden Teatro, onde hoje se repete em duas
sessões e por preços popularíssimos. A
revista «Cabaz de Morangos», que na pró-
xima sexta-feira completa 260 representa-
ções, assinala um êxito como não há me-
mória.

Quem não viu a «Mouraria»

Lá diz a quadra já popularizada do ré-
clame do Apolo: «Quem não viu a Moura-
ria»... Nós diremos agora, como resposta,
que quem a não viu precisa vê-la para po-
der admirar a mais bela, sedutora, espiri-
tuosa e sentimental opereta portuguesa,
«Mouraria», que é já como que um sím-
bolo do passado a perpetuar a história de
um bairro de Lisboa, posta em scena no
Apolo pela companhia Almeida Cruz.

«A Petiza do Gato»

Vai ficar famosa, nos annos do teatro
português, a comédia «A Petiza do Gato»,
não só pelo que ela possui de notável como
peça moderna, bem urdida, esplêndida de
graça e de espírito, modeladamente con-
struída por Carlos Arniches e primorosa-
mente traduzida por Feliciano, como pelo
soberbo desempenho que lhe dão os artis-
tas da companhia dos illustres artistas em-
presários Robles Monteiro e Amélia Rey
Colaco, nomeadamente esta última que no
papel enternecedor de «Guadalupe» tem
uma das suas maiores coras de come-
diante. «A Petiza do Gato» repete-se hoje.

Última exibição dos bailes russos

E' hoje o penúltimo dia em que se exibe
no Coliseu dos Recreios a Companhia de
bailes russos, quadros de arte e diver-
timentos da célebre bailarina mímica Sascha
Morgowa, que repetirá além dos magní-
ficos números do seu artístico e seus me-
lhores bailes, como a suite coreográfica
«Circo», bailada na pista, a «Dansa hun-
gar», «Meia Noite em New-York» e ou-
tros.

A Bala Humana, a mais sensacional atra-
ção de todo o mundo, continua em pleno
sucesso, bem como os «Urso Comedian-
tes» apresentados pelo sr. Komgot, o equi-
librista ébrio Aeres, os acrobatas Agustine
e Fernand, a encantadora eucyere Miss
Mariette, os aplaudidos clowns Irmãos Al-
banos e Irmãos Diaz e outras notabilidades.

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de edi-
tar, em folheto, o decreto 3.518, de 7 de Maio
de 1919 e respectivo regulamento publicado no
Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horá-
rio de trabalho, sendo o seu preço avulso de 30.
Aos sindicatos que desejem adquirir quantida-
de far-se-á um abatemento de 50 por cento em po-
tes de 50 folhetos.

Debilis a administração de A Batalha

Hemorroidal

Curar-se evitando operação, tanto interno
como externo, em 5 dias, na Farmácia Ul-
tramarina, rua de São Paulo, 101. Receita
completa, 30\$00.

TEATRO NACIONAL

HOJE
TELEF. N. 3049
COMPANHIA
BERTA BIVAR — ALVES DA CUNHA

Às 21 horas: — A representação
da tragi-comédia em 4 actos
e 17 quadros, de Lenormand

O HOMEM

E OS SEUS
FANTASMAS
Formidável trabalho de
Alves da Cunha
E
Adelina Abranches

Para o que lhe havia de dar

PARIS, 6.—O sr. Briand assinará um
decreto regulamentando as relações entre
as comunidades católicas dos países do
orient e os representantes da República.

O governador da Guiné retira para Lisboa

O governador da Guiné comunicou ter
feito entrega do governo daquela provin-
cia e que se retira para Lisboa, no primeiro
pacote.

A cura das doenças pelas
plantas

PARIS, 6.—O sr. Briand assinará um
decreto regulamentando as relações entre
as comunidades católicas dos países do
orient e os representantes da República.

Sociedades de recreio

PARIS, 6.—O sr. Briand assinará um
decreto regulamentando as relações entre
as comunidades católicas dos países do
orient e os representantes da República.

Sociedade Filarmónica Alunos
Esperança

PARIS, 6.—O sr. Briand assinará um
decreto regulamentando as relações entre
as comunidades católicas dos países do
orient e os representantes da República.

Sociedade Filarmónica Alunos
Esperança

PARIS, 6.—O sr. Briand assinará um
decreto regulamentando as relações entre
as comunidades católicas dos países do
orient e os representantes da República.

Sociedade Filarmónica Alunos
Esperança

PARIS, 6.—O sr. Briand assinará um
decreto regulamentando as relações entre
as comunidades católicas dos países do
orient e os representantes da República.

O SINDICALISMO
EM MARCHA

Constituiu-se o Sindicato Metalúr-
gico de Viseu

Com uma animadora concorrência reüni-
ram em assembleia os metalúrgicos de Vi-
seu que aprovaram os Estatutos da sua As-
sociação de Classe, o mais possível idênti-
cos aos do Sindicato U. Metalúrgico de Li-
sboa, e elegeram a Comissão Administrativa
que ficou constituída pelos seguintes metá-
lúrgicos: Aires de Matos, Gilberto de Car-
valho, José Maria S. Veiga, Vasco D. Sa-
raiva, Eduardo Ribeiro, Artur de Almeida
e Eduardo Gonçalves.

Como secretários da assembleia geral fo-
ram eleitos: José Ramos e José de Jesus e,
suplentes, Adriano Rebelo e António Ale-
xandre.

Constituiu-se o Conselho Técnico e de
Melhoramentos por 2 membros de cada es-
pecialidade da indústria metalúrgica em
Viseu. Fundou-se a Caixa de Solidariedade
segundo letra dos estatutos do Sindicato
Metalúrgico de Lisboa, sendo resolvido que
esta Caixa só dispense auxílio um ano de-
pois de instituída.

Votou-se a adesão à Federação Metalúr-
gica em Portugal daqui a 3 meses. Quere
dizer: no dia 3 de Março de 1927, se uma
assembleia geral da Classe não der antes a
adesão, ou não revogar esta deliberação
até essa data, a Comissão Administrativa
do sindicato tem competência para unir-
se a todos os metalúrgicos organiza-
dos de Portugal. E não deram imedia-
tamente a adesão à Federação, a maioria dos
metalúrgicos, já porque é bom que exista um
fundo máximo no cofre sindical, já para
que—isto é o mais importante— a classe
seja moralmente preparada para de pulso
livre e segura das responsabilidades do seu
acto, proceder com toda a consciência sin-
dical.

A sessão foi encerrada no meio dos mais
entusiásticos vivas aos trabalhadores de
Portugal, à Federação Metalúrgica, tra-
balhadores organizados de Viseu, C. G. T.,
etc., etc. Oxalá este entusiasmo se prolongue
até ao coração dos mais cépticos e pes-
simistas, e anime sempre os metalúrgicos or-
ganizados de Viseu até à sua absoluta e in-
tegral emancipação.

Notas várias da Lisboa triste

O desastre de automóvel no Alto dos Ca-
puchos

MARCO POSTAL

Albernoa, J. Henriques.—Recebemos 5500. Assinatura do Suplemento paga até 15 de Março, p. f.
Escrevemos postal para Manuel Domingos Pecegueira.
Fronteira.—Associação dos Rurais.—Recebemos 7550 que pagou a assinatura do corrente mês.

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95500
Madrid, cheque	2509	
Paris, cheque	579	
Suiza, cheque	3378,5	
Bruxelas, cheque	2574	
New-York, cheque	19564	
Amsterdã, cheque	7584	
Ilíria, cheque	386	
Brasil, cheque	2540	
Praga, cheque	558,5	
Suécia, cheque	5524	
Austria, cheque	2577	
Perlim, cheque	4567	

TEATROS

Nacional.—A's 21.—O homem e os seus fantasmas.
São Luís.—A's 21.—O Príncipe Orloff.
Ginásio.—A's 21,30.—A Pele do Gato.
Trindade.—A's 21,15.—O Marquês de Villemar.
Politeama.—A's 21.—O idílio num 5.º andar.
Apolo.—A's 20,30 e 22,30.—A Mouraria.
Eden.—A's 20,45 e 22,45.—Cabaz de Morangos.
Variedades.—A's 20,30 e 22,30.—Era uma vez uma menina.
Joãoquim de Almeida.—A's 20,30 e 22,30.—Variedades.
Coliseu.—A's 21.—Companhia de circo.
Salão Foz.—A's 15 e 20,30.—Variedades.
Avenida Parque.—Diversões.

CINEMAS

Tivoli.—Avenida da Liberdade.—Olimpia.—Matinées e soirées.—Salão Central.—Praça dos Restauradores.—Chão de Terra.—Rua António Maria Cardoso.—Cinema Condes.—Avenida da Liberdade.—Pathe Cinema.—Rua Francisco Sanches.—Salão Ideal.—Rua do Loreto.—Eden Cinema.—Rua do Alívio (Alcântara).—Cine Paris.—Rua Ferreira Borges.—Alhambra.—Parque Mayer (Variedades).—Salão Lisboa.—(Mouraria).—Cine-Expectança.—(Rua da Esperança).—Domingos, terças, quintas e sábados, às 20,30, animatôgrafo.—Salão da Promotora.—A's 20 horas.

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.
Pedidos a:
FRANCISCO LATTA
LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Tabacaria e Kiosque

Associação de Socorros Mútuos "Renascença Lusitana"

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Convoca a assembleia geral extraordinária a reunir no dia 22 do corrente, pelas 20 horas, na sede, rua de São Bento, 161, 1.º, a fim de proceder à eleição dos corpos gerentes, que devem funcionar em 1927, à apresentação de contas do ano de 1925 e respectivo parecer do conselho fiscal.
Não havendo número legal de sócios para a assembleia poder funcionar, fica, desde já, convocada para igual hora do dia 30 do corrente, com a mesma ordem de trabalhos e no mesmo local.
Lisboa, 4 de Dezembro de 1926.
O presidente da Mesa, Norberto Gonçalves Torres Peres.

ACABA DE SAIR: A EPOPEIA DO TRABALHO

—POR—
Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre
Espetacular livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras. A venda nas livrarias, ao preço de 6500 e, ácobrança, de 7500.
Pedidos a Livraria Renascença, de J. Cardoso, editor, Rua dos Poiais de São Bento, 27 e 29 e à Administração de A Batalha, calçada do Combro, 38-A, 2.º—Lisboa—Portugal.

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade
Escritório:
Calçada do Combro, 38-A, 2.º

INSTITUTO DOS FERROVIARIOS DO SUL E SUESTE

ANÚNCIO
A direcção do Instituto dos Ferrovários do Sul e Sueste faz público que, indo inaugurar, solenemente, no dia 1 de Janeiro de 1927, o referido Instituto, está aberto concurso documental para a admissão duma professora ou professor com o diploma do curso do magisterio primário geral ou habilitações superiores, mas que permitam leccionar instrução primária geral.
Os documentos recebem-se até ao dia 20 do corrente mês no Serviço da Caixa de Reformas e Pensões dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, rua de São Mamede, ao Caldas, 63, onde se dão todas as explicações necessárias.
Lisboa, 3 de Dezembro de 1926.—Pela Direcção, o presidente—João dos Santos Pimenta.

"HERPETOL"

—) Dá um (—
Alívio instantaneo



SOFRE DE COMIÇÃO provocado pelo ECZEMA ou outras DOENÇAS DE PELE? A aplicação de umas gotas de "HERPETOL" fará desaparecer rapidamente a comição.
O "HERPETOL" CURA. A atestação tem os inúmeros pedidos recebidos desde que foi lançado no mercado este medicamento, que tem realizado CURAS MARAVILHOSAS. A acção do "HERPETOL" é muito poderosa, penetra na pele e ataca os germes que se encontram nos tecidos, os quais são a causa de todo o mal. E' de um maravilhoso efeito para limpar a pele de ESPINHAS, ERUPÇÕES, MORDEDURAS DE INSETOS, ECZEMA, HUMIDÃO, SECO e IRRITAÇÕES DURAIS.
Não hesite e compre um frasco de "HERPETOL", o melhor remédio que até hoje apparece.
A' venda nas principais farmácias e nos depósitos: em Lisboa, Rua da Prata, 237, 2.º.

A PRESTAÇÕES

Fatos, calçado, sobretudo, peluches, roupas brancas, chapéus, artigos de lã, peles, capas e todos os artigos próprios da estação, mobiliários em ferro e madeira,—na antiga e acreditada casa da Rua António Pedro, 52.

O calçado mais sólido e mais barato de Lisboa vende-se no depósito da Sapataria Brasil, Rua da Madalena, 206 e 212, a quem apresente este anúncio, desconto 5 %.

A BATALHA

INSTITUTO POLICLINICO DA ESTEFANIA
Largo D. Estefânia, 6, 1.º—Telefones N. 3435
CORPO CLÍNICO—DOCTORES
A. de Almeida Rocha — Clínica geral — às 14 h.
António de Carvalho — Pele e sífilis — às 18 h.
Berta de Moraes — Doenças das senhoras — às 14 1/2 h.
Carlos Guerra — Clínica médica — Doenças do coração e pulmões — às 12 h.
Domingos Dias — Doenças da boca e dentes — Prótese — Doenças tropicais — às 17 1/2 h.
Fernando Waddington — Raio X — Electricidade médica.
Heitor da Fonseca — Clínica médica — Doenças do estômago, intestinos e fígado — às 13 h.
J. Pais de Laranjeira — Doença dos rins e vias urinárias — às 11 h.
José Salazar Carreira — Doenças das crianças, ortopedia, ginástica e massagem médica — às 10 h. e 12.
Lopes de Andrade — Doenças dos olhos — às 17 1/2 h.
Pedro Roberto Chaves — Análises clínicas.
Teodormo Almeida de Carvalho — Cirurgia, operações — às 16 h.

PELES!!!

A casa que melhor sortido apresenta e que mais barato vende é a

PELARIA CONFIANÇA

3—Rua da Palma—3-A
Esta casa tem sempre um grande stock de malhas para senhora, vindas directamente das melhores fábricas estrangeiras.
Barreiros & Jesus
TELEF. N. 3691

Depósito da Covilhã

ROSSIO, 93, 1.º Telefone N. 4663
Acabam de chegar muitos padrões de boas fazendas de lã para venda directa ás fábricas ao publico, que vendemos por baixos preços.
Estambres e casimiras desde Esc. 1800 o metro, grande sortido das principais fábricas do país, e um escolhido sortido de lãzinas estrangeiras que vendemos por preços sem competição. Há feitos e fazem-se por medida, sobretudo para homens e crianças desde Esc. 180000. Casacos de senhora desde Esc. 120000.
Tem allietaria para a sua enorme clientela.
Executam-se fatos em 24 horas
Manda amostras para a provincia e em Lisboa ao domicilio

Lotaria do Natal

Em 23 de Dezembro de 1926
Prémios maiores . . . 4.000.000\$00
1.200.000\$00
Bilhetes a 1.000\$00 e quadragesimos a 25\$00, canteiras a 6\$00. Pelo correio mais 8\$0.

Campião & C.

116, RUA DO AMPARO, 116
LISBOA

A VENDA A 10.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente illustrado desde as primeiras idades do homem até a revolução Francesa.
Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.
A obra mais barata que no género se publica

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98
TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narcizo—A's 5 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—horas.
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.
Pele e sífilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e 13 horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—9 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.
Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3a, 5a, 7a.
Doenças das senhoras—Dr. Emilio Palma—2 horas.
Doenças das crianças—Dr. Filipe Munso—12 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—3 horas.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.
Cancro e rádio—Dr. Gabriel de Melo—4 horas.
Raio X—Dr. Azeite Saldaña—4 horas.
Análises—Dr. Gabriela Bento—4 horas.

ASSINEM Os mistérios do Povo

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bella obra de RICARDO MELLA, "IDEARIO" que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capitulos:
Doctrina — Critica Social — Educação Liberta — Tactica — Evolução y Revolución — Violência — Libertad y Autoridad — Ensayos Filosóficos — Ideario — Ideas Iconoclastas — Moral Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Española — Hombres Representativos — Trabajos Polémicos — Lecturas — Fragmento inédito.
Preço 15\$00 — Pelo correio 16\$50
Pedidos a Administração de "A BATALHA"

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA
Publicação mensal
Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limit.—R. dos Retirozeiros, 125—LISBOA.
A' venda na administração de "A Batalha".

LA NOVELA SOCIAL

LA LOCA VIDA
E' o titulo do n.º 10 da interessante colecção de novelas que se publicam em lingua espanhola sob o titulo genérico de "Novela Social", encontrando-se a venda na nossa administração ao preço de \$50. Pelo correio \$70.

História Universal del Proletariado

"Veinte siglos de opresion capitalista"

Esta publicação em lingua espanhola que se encontra a venda na nossa administração, é o relato histórico, documentadissimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.
Cada fascicula de 48 páginas. 18000 pelo correio, registado, 1850.
Estão publicados os seguintes fasciculos:
1.º—La era de la esclavitud;
2.º—La rebelión de Espartaco;
3.º—Abolición de la esclavitud;
4.º—Abyección y Servidumbre;
5.º—La revolución de los siervos;
6.º—La miseria de los agricultores;
7.º—Transformación del Poder Feudal;
8.º—El comunismo cristiano;
9.º—Los miserables en la Edad Média;
10.º—La libertad ilusoria;
11.º—La agonia del absolutismo;
12.º—El trabajo motor universal;
13.º—El imperio de la guillotina;
14.º—Las ideas sociales y la revolución francesa.
15.º—Los primeros tiempos del salariado;
16.º—Hospitales, cárceles y asilos;
17.º—Las crueldades de la burguesia republicana;
18.º—Los héroes de la Comuna;
19.º—Horribles matanzas de Comunistas;
20.º—La Republica Española y la classe obrera;
21.º—La Primera Internacional;
22.º—El socialismo ante el Parlamento español;
23.º—El futuro obrerista profetizado por Castelar;
24.º—Pi y Margall confunde a los enemigos del socialismo.
25.º—Los precursores del Proletariado moderno.
26.º—Crueldades burguesas.
27.º—Los mártires de Chicago.
28.º—Muerte heroica de cinco proletarios.

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO

Abel Botelho—Amanhã.....	16400
Alexandre Heroulan.....	
Lendas e Narrativas (2 volumes).....	18500
Cartas (2 volumes).....	18500
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal (3 vols.).....	27500
Adolfo Lima.....	
Contracto do Trabalho.....	10500
Educação e ensino.....	5500
O ensino da história.....	1550
Aquilino Ribeiro.....	
Estádo France.....	3500
Anatole de São Tiago.....	10500
Jardim das Tormentas.....	10500
Via Sinuosa.....	10500
As Filhas da Babilônia.....	10500
Terras do Demo.....	10500
Augusto Machado — Impossível redenção (novela).....	25
Augusto de Sousa — Fôlhas perdidas (Fados).....	10500
Bento Faria — Missa nova (teatro em verso).....	2500
Binet-Sanglé — A loucura de Jesus.....	4500
Buckner — O homem segundo a ciência.....	12500
Charles Darwin — Origem das espécies.....	14500
Campos Lima.....	
O Estado e a evolução do Direito O Amor e a Vida.....	12500
Os Pobres.....	5500
A Revolução em Portugal.....	2500
Cristiano Lima — A escola de Nun'Alvares (novela).....	25
Duarte Lopes — Frei Sangué.....	5500
Eça de Queiroz.....	
O crime do Padre Amaro.....	18500
O Primo Basílio.....	15500
O Mandarim.....	8500
Os Mãos (2 vols.).....	28500
A Religião.....	15500
A Cidade e as Serras.....	12500
Frade Mendes.....	9500
Casa Ramires.....	15500
Prosa Bárbara.....	10500
Ecce de Paris.....	9500
Cartas Familiares.....	9500
Cartas de Inglaterra.....	9500
Minas de Salomão.....	9500
Notas Contemporâneas.....	15500
Últimas páginas.....	15500
Contos.....	15500
Ernesto Haackel.....	
História da Criação.....	20500
Origem do Homem.....	5500
Os enigmas do Universo.....	14500
Monismo.....	4500
Religião e evolução.....	6500
As maravilhas da vida.....	14500
Faguet — Iniciação filosófica.....	5500
Iniciação literária.....	10500
Faria de Vasconcelos.....	
Problemas escolares.....	5500
Por terras de além mar.....	5500
Ferreira de Castro.....	
Sangue Negro.....	2550
Sendas de Lirismo e de Amor.....	8500
A Peregrina do Mundo Novo.....	6500
F. Castro e E. Frias — A Boca da Esquina.....	8500
Flammarion.....	
Iniciação astronómica.....	5500
Contos de luar.....	5500
Como acabou o mundo?.....	7500
Os habitantes dos outros mundos.....	4500
Felix le Dantec — As influências ancestrais.....	10500
Fialho de Almeida.....	
Lisboa Galante.....	10500
Estâncias de Arte e Saúde.....	9500
Figuras de destaque.....	9500
Actores e Autores.....	9500
Contos.....	9500
A Esquina.....	9500
Avés Migradoras.....	9500
Barbear, Pentear.....	9500
Cidade do Vício.....	9500
Pasquinadas.....	10500
País das Uvas.....	9500
Sabam quantos.....	9500
Vida errante.....	9500
Vida íronica.....	9500
Guerra Junqueira — A morte de D. João Musa em férias.....	10500
Os Simples.....	9500
A velhice do Padre Eterno (Encarnação de luxo).....	14500
Brochada.....	10500
Gorki — Os Degenerados.....	4500
Os Vagabundos.....	4500
Na Prisão.....	2550
Ibsen — Esperanças.....	4500
Casa de bonecas.....	5500
Jacquinet — História Universal 2.ª.....	10500
Jaime Cortezão — Adão e Eva (teatro).....	5500
José Benedit — A ciência redentora (novela).....	25
Jesus Peloto — O mestre geral (novela).....	25

Jorge Teixeira — Gatinhos de Luva Branca — A Escamalha (peças de teatro).....	2550
Julião Quintinha.....	
Visinhos do Mar.....	8500
Cavallada do Sonho.....	8500
Terras de Fogo.....	8500
Dor vitoriosa (novela).....	25
Laisant — Iniciação matemática.....	5500
Malvert — Ciência e Religião.....	10500
Mário Domingues — Hugo, o pintor (novela).....	25
Anastácio José (idem).....	25
Manuel Ribeiro.....	
Poder redentor (novela).....	25
Mirbeau — O Jardim dos Suplícios.....	4500
Nogueira de Brito.....	
1—Memórias de Angela Pinto.....	15500
Sangue Fidalgo (novela).....	25
Não, diz a Lei (novela).....	25
Pargame — Origem da vida.....	8500
Oliveria Martins.....	
Helenismo e a Civilização Cristã.....	15500
História da Civilização Ibérica.....	15500
História da República Romana (2 volumes).....	30500
História de Portugal (2 vols.).....	30500
Racas Humanas (2 vols.).....	30500
O Brasil e as Colónias Portuguezas.....	15500
Cartas Peninsulares.....	15500
Sistema dos mitos e crenças religiosas.....	15500
Orlando Marçal.....	
Águas claras.....	6500
Imagens de Sonho.....	1500
Raul Brandão.....	
Os Pescadores.....	10500
Os Pobres.....	10500
O Teatro.....	8500
Spencer — Da Educação (br. 5500) enc. Sobral de Campos — Dois tiros (novela).....	8500
Tolstói — A sonata de Kreutzer.....	4500
Ana Karenine (3 vols.).....	15500
Toulousse — Como se deve educar o espirito.....	4500
Wenceslau de Moraes.....	
Dai-Nippon.....	12550
Victor Hugo.....	
França e Bélgica.....	10500
O Reno (2 vols.).....	15500
Os Miseráveis (2 grossos vols) illustrados, encadernados.....	40500
Zola.....	
A Taberna.....	12500
Tereza Raquin.....	5500
Alegria de viver (2 vols.).....	8500
A conquista de Plassans, (2 vols.).....	8500
Fecundidade.....	20500
A fortuna dos Rougons, (2 vols.).....	8500
Uma página de amor.....	9500
Dr. Pascal.....	8500
FOLHETOS	
Eliuza Ruelus — Anarquista e Igreja.....	1500
A Evolução legal e a anarquia.....	30
Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura.....	550
José Prat — A anarquia e o proletariado.....	550
A necessidade da Associação.....	550
Content — Contra o confucionismo.....	330
Alfredo Neves Dias — Razão (poemato social).....	550
Ernesto da Silva — Teatro livre e Arte Social.....	330
Landauer — Social Democracia.....	330
R. Mela — O principio do fim.....	330
A maçonaria e o proletariado.....	330
J. Most — Peste religiosa.....	550
João P. do Rio.....	
Definições sociais.....	550
Horas anarquistas (versos).....	550
Trovas da Noite.....	1500
Robert — O pescador.....	1500
Memórias do Parque de São João do Forte.....	1500
— Carnet de Pensamento.....	250
J. Bakunine — O sentido em que os anarquistas.....	550
Chueca — Como não ser anarquista.....	550
Lazare — A Liberdade.....	550
B. Etrivant — A minha defesa.....	550
I. Kropotkin.....	
Os bastidores da guerra.....	330
Moral anarquista.....	550
O espirito revolucionário.....	550
O estado e o seu papel histórico.....	1550
1. Guedes — Lei dos Salários.....	550
Brand — A greve geral.....	550
Roland — Rússia Nova.....	550
— O sindicalismo e os intelectuais.....	550
D. Carvalho — A gestão sindical no período revolucionário.....	550
A. Hamon — A crise do socialismo.....	550
J. Santos — A transformação da sociedade.....	550
Neno Vasco.....	
Georgicas.....	330
Greve de inquilinos, teatro.....	100
— Proletariado Histórico.....	1500
G. Archimof — A Revolução social e o Sindicalismo.....	550
Carlos Rates — Aditadura do proletariado.....	1500
Emilio Chapelier — Porque não creio em Deus.....	1500
Rodolfo Rocker — O sindicalismo revoluc. e a organização operária.....	1500

7-12-1926 OS MISTÉRIOS DO POVO N.º 877

E correu para a porta, para a abrir e fugir para a escada; mas a porta estava fechada, e ele em vão a tentou arrombar.
—Conde, disse friamente Vitória com acento de cruel ironia, saiba que esta casa é habitada por bons patriotas; qualquer bulha que faça, é logo preso.
—Infame criatura! exclamou o conde voltando-se para Vitória e tirando da algibeira um punhal. Quereres entregar-me ao cadafalso, mas eu hei de vingar-me antes de morrer! A tua vida está nas minhas mãos.
—Talvez respondeu Vitória apontando-lhe a pistola ao peito.
O conde recuou aterrado, e Vitória, com a arma sempre apontada ao sr. de Plouernel, aproximou-se duma parede, e disse em voz alta:
—Está lá, vizinho Jerónimo?
—Sim, cidadão! replicou Jerónimo do seu quarto. Cá estamos às suas ordens, meu filho e eu. Chegámos agora e vamos cear.
—O meu relógio está parado. Sabe que horas são, vizinho?
—Deram agora dez horas na ex-paróquia da Assunção; vai sendo tarde. Boa noite, vizinha.
O sr. de Plouernel estava consternado; não podia pensar em fugir pela janela, pois bastaria um movimento de Vitória para o atirar à rua. Despedaçar a porta seria igualmente perigoso: os dois vizinhos, e dentro em pouco todos os moradores da casa corriam ao apelo de Vitória.
Tentar matá-la seria um expediente tão perigoso como os outros; era preciso arrotar com os dois tiros disparados à queima-roupa por uma mão firme.
Vitória sentou-se do outro lado da mesa de trabalho, ficando assim separada do conde, e conservando sempre a pistola na mão, disse:
—Conde de Plouernel! tu és o chefe duma das famílias que se honram em invocar sempre a sua origem como remontando aos primeiros tempos da conquista. Quanto mais antigidade reivindicarem essas famílias, de tantos mais crimes assumem a responsa-

bilidade, e tanto mais terrível é o castigo que as espera. Todas hão de pagar, como tu, Néroweg, conde de Plouernel, a sua dívida de sangue.
Vitória exprimi-se com uma exaltação feroz quando seu irmão, João Lebrenn, que tinha outra chave do quarto, entrou de repente, chegando a ouvir as últimas palavras da irmã. O conde, ao ver o jovem operário, recuou com ar desconfiado, levando maquinalmente a mão ao punhal que trazia oculto.
—Torna a fechar a porta à chave, João disse Vitória. Este homem é Néroweg, conde de Plouernel.
Ao saber que este homem era João Lebrenn e devia partilhar o ressentimento da irmã contra a família de Plouernel, o conde ergueu a cabeça, e, parecendo desafiar o jovem serralheiro, disse-lhe:
—Vamos, cidadão! faz o teu officio de fornecedor do cadafalso.
João Lebrenn, sem parecer impressionado pelo insulto que acabava de receber, lançou um olhar frio ao emigrado, e perguntou a Vitória:
—Como entrou aqui este homem?
—Decerto fugia dos homens encarregados da sua prisão. Trepou para o tecto da casa vizinha, e introduziu-se aqui pela janela, quebrando um vidro.
—Pelo que vejo, disse João Lebrenn ao conde de Plouernel, o senhor é um emigrado que está metido em processo. Procuram-no para ser julgado.
—Este patife tem a audácia de me interrogar! respondeu o conde soltando uma gargalhada sarcástica.
—Conde de Plouernel? disse João Lebrenn sem se perturbar. Eu não sou da opinião de minha irmã a respeito do castigo que se lhe deve aplicar. A Revolução, aniquilando a realeza, a nobreza e o clero, castigou os crimes dos inimigos do povo; o mal que a raça aristocrática fez à nossa, está expiado. Conde de Plouernel, os conquistados já tiraram a sua desforra contra os conquistadores; a nação recuperou a sua soberania; está proclamada a República; está feita a justiça!

—Então este vil maltrapilho tem a insolência de me dar o meu perdão em nome do povo soberano!...
—Conde de Plouernel! quem pode dar-lhe ou negar-lhe o perdão são os seus juizes, e não eu... Se o senhor se tivesse conservado em França, tranquilo, como fizeram alguns ex-nobres, por Deus lhe juro que o teria deixado em paz, a pesar de todo o mal que a sua família tem feito à minha. Eu ter-lhe-ia perdoado, conde de Plouernel, e vou dizer-lhe porque motivo me teria mostrado clemente: há mais dum século, um antepassado meu, Nominóé, dizia a Berta de Plouernel, a quem amava e por quem era amado apaixonadamente: «Sinto o quer que seja de terno e triste ao mesmo tempo, amando uma descendente dessa raça que, desde a infância, todos me ensinaram a amaldiçoar!... Aos meus olhos, vós sois um anjo mensageiro de paz, de perdão e de concórdia. Vós resgatais os erros dos vossos avós em vez de vos tornar solidários com eles e com as suas iniquidades, torna-os solidários com as vossas virtudes. Vós resgatais as maldades dos vossos antepassados, como outrora Cristo redimiu o mundo com as suas virtudes, com a sua bondade e com a sua graça evangélica. Em nome de Nominóé e destas suas palavras, eu ter-lhe-ia perdoado, conde de Plouernel, tornando-o solidário, não com os crimes da sua raça, mas com as virtudes de Berta e com as qualidades de outro antepassado seu, protestante e republicano, o coronel de Plouernel, o amigo do grande Coligny e de meu avô Odélin, armeiro da Rochela.
—Mentes! exclamou o conde exasperado. Nunca uma mulher da casa de Plouernel se desonrou a ponto de amar a um vassallo. Quanto ao coronel de Plouernel



D. ABAD DE SANTILLAN

N.º 3

UMA DECEPÇÃO DOS CATÓLICOS

A JORNADA DE SEIS HORAS

Apenas três soluções se apresentaram, até agora, à crise de desemprego:

Primeira: a jornada de seis horas, de que vamos tratar;

Segunda: a tese dos capitalistas europeus, segundo a qual, para concorrer com os Estados Unidos, há só uma saída—reduzir o custo da produção. Considera-se redução do custo da produção a baixa de salários e o prolongamento da jornada de trabalho. Esta tese é tão persuasiva que os sindicatos reformistas alemães condescenderam na fundação de semelhante tática nas grandes indústrias da Alemanha;

Terceira: a tese do aumento da capacidade de compra dos trabalhadores, devida à imaginação dos capitalistas norte-americanos. Dizem eles que o recurso mais estúpido para superar uma crise industrial é a redução dos salários; com a redução de salários diminui-se a capacidade de aquisição do proletariado; que sempre será o maior consumidor; produzindo-se o fenómeno da crise por estarem abarrotados os depósitos, as fábricas terão de paralisar imediatamente a sua laboração e as grandes massas de consumidores morrerão de fome e sofrerão todas as privações.

Das três soluções, a que os capitalistas europeus adoptam afugura-se a mais impotente e manifesta-se a mais inútil, pois o seu primeiro efeito será aumentar a desocupação e reduzir mais o consumo. E a actual crise é, principalmente, uma crise de consumo: as fábricas encerram-se porque não encontram consumidores, nem mercados para os seus produtos, e os consumidores morrem de fome, tiram de frio e sucumbem às privações, desde que não possam adquirir os elementos necessários à satisfação das suas necessidades. O facto é já elemento integrante de todo o sistema capitalista, produz-se desde que ele existe.

Mais sensata é a solução dada pelos capitalistas dos Estados Unidos. Neste país, os salários são quatro ou cinco vezes mais elevados do que em todos os outros países, trabalhando-se menos horas—e, contudo, essa nação pode concorrer com qualquer outra. O fenómeno deve ser tido em conta.

O ministro do Trabalho dos Estados Unidos, James Davis, num artigo da *Monthly Labor Review*, maio de 1925, resume assim a solução dos capitalistas norte-americanos: Aumento da produtividade, mas não redução de salários. A perspicácia deste ministro vai a ponto de aconselhar aos capitalistas: se os trabalhadores forem bem pagos, nasce nêles a virtude da economia, não despoja as suas economias nos Bancos, comprar acções, etc., desta maneira interessando-se no próprio sistema capitalista e, por outro lado, colocando os fundos à disposição dos industriais, que poderão, assim, prosseguir comodamente os seus negócios.

Essa gente especula com tudo! Que mais poderia dizer o socialismo científico? Foi necessário que os próprios capitalistas começassem a surpreender na redução dos salários e no aumento da jornada a ineficácia de uma solução a uma crise industrial e comercial profunda, para se levantar um pouco o nível das aspirações da social-democracia.

Tornou-se indubitável, pois, pelo menos, em teoria, a tendência dos socialistas para defender a tese dos Estados Unidos, começando já a recomendar calorosamente, aos capitalistas europeus, que imitem os americanos.

Como solução provisória, tem valor relativo o aumento da produtividade em vez de redução de salários, mas tem, também, o principal defeito de se tornar um passo mais na evolução capitalista, equivalendo a um novo passo na involução do sentimento e do pensamento humano.

Todavia, se os Estados Unidos podem já apresentar exemplos da eficácia do sistema do aumento dos salários para vencer momentos difíceis da economia nacional, é quasi certo que essa tática, generalizada, chocaria de princípio com graves inconvenientes que a reduziriam a nada.

Vamos, primeiramente, apresentar alguns dados eloquentes, para explicar a genese da desocupação crônica de após-a guerra. Tomemos, ao acaso, um jornal, por exem-

plo, o *Vorwärts*, de Berlim, 4 de Maio de 1926. Eis o que nele pudemos ler:

«Na rua de Bela-Aliaça trabalha a primeira máquina de pavimentar (Finisher, sistema Lakewood) que enviaram as fábricas Ambi, dos Estados Unidos. Neste país funcionam já cerca de 2.000 dessas máquinas e com elas se constroem, desde há dez anos, 60.000 quilómetros de arruamento. E realmente assombroso o rendimento dessas máquinas. Enquanto quatro ou cinco operários apenas asfaltariam trinta metros por dia, com o emprego da máquina seriam asfaltados 250 metros, diariamente, com o mesmo pessoal, e uma economia de 12 a 15.000 marcos por quilómetro. A máquina realiza três trabalhos: distribuição do asfalto, calcetamento e polimento. Os carnis sobre que avança a Finisher ocupam uma rua até nove metros. O asfalto fica tão sólido que alguns minutos depois do calcetamento se pode andar à superfície sem o menor inconveniente. Oxalá, esse começo rejuvilante da mecânica na pavimentação de ruas dê impulso a outras inovações. Os trabalhadores, não fazendo já falta para os asfaltados, pois a máquina pode ser manejada por um só homem, poderiam ser empregados no transporte de materiais e na colocação dos carris».

Que dedução faremos ao meditar nesta notícia simples entre tantas que poderemos encontrar na imprensa diária? Se queremos poupar-nos ao trabalho de uma explicação, vejamos, no número de 8 de Maio do mesmo ano, do *Mittelungsblatt* dos operários em madeira de Berlim (anarquistas sindicais), como estão descrimindos os dados anteriores:

5 operários asfaltam diariamente 30 metros de rua. Se tivessem de asfaltar 10.000 metros necessitariam 333 dias e um terço. Com a aplicação da asfaltadora mecânica, que require um homem para a manobra e mais quatro para o transporte do material e colocação de carris, pode fazer-se o mesmo trabalho em 40 dias.

Compare-se, pois, as cifras: o asfaltamento de 10.000 metros de rua, 5 operários precisam: trabalho manual, 333 1/3 dias; trabalho mecânico, 40 dias. Quer dizer, com o trabalho mecânico consegue-se a economia de 297 dias; o que na sociedade capitalista reduzida em desocupação, miséria, rebaixamento do nível da vida material e moral dos trabalhadores.

Ante a mecanização extrema do processo de trabalho, é natural que o capitalista se sinta muito satisfeito; para o proletariado, porém, não há motivos de regosijo, mas de séria reflexão.

Diariamente, a imprensa relata-nos factos que deveriam ser mais eloquentes para os trabalhadores. Exemplo:

Gracias à descoberta de novos processos e melhoramentos técnicos, a maior parte das refinarias de petróleo trabalham actualmente com a mais vasta aplicação de instalações mecânicas e exclusão de trabalho manual. Como exemplo do grau em que é excluído o trabalho humano e da medida de sua suplantação pelas máquinas, menciona W. Maulner em *Wirtschfts dnt* a instalação de um maquinismo para obtenção de benzina pelo Shell Trust no fazijo de Signal Hill. Com essa instalação obtém-se dois milhões e meio de metros cúbicos de gás benzina por dia e os restos queimam-se ou vendem-se. Toda a instalação exige apenas cinco operários. (*Vorwärts*, Berlim, 25 de Abril de 1926).

Não sabemos que quantidade de operários seria empregada, os anos anteriores, na diária obtenção dos dois milhões e meio de gás benzina para a referida instalação. Mas sempre serão milhares os proletários que cruzaram os braços para darem o seu posto à máquina que surgiu.

Qual o dia em que não se encontrarão idénticas notícias acerca de inovações técnicas em tal ou qual domínio da produção? E não se advirte que cada inovação mecânica implica milhares e milhares de operários condenados ao desemprego? Que importa a pequena percentagem que poderá receber a indústria da fabricação de máquinas em comparação à imensa quantidade de operários inactivos por causa da introdução de máquinas cada vez mais perfeitas?

(Continua.)

Nossa Senhora de Fátima perdeu um crente por não ter feito um milagre

A miraculosa de Fátima perdeu mais um crente, o qual, com exemplo próprio, verificou a decadência, desoladora para elle, visto que lhe deu prejuizo, em que entraram as suas famosas qualidades de infinito poder milagreiro...

A história que sinteticamente vamos novelar, é como que um corrosivo espiritual que destrói toda a magnanimidade, toda a infalível intervenção divina, santarrona, da referida virgem de Fátima...

Nas oficinas dos caminhos de ferro do Minho-o-Douro, effectou-se ultimamente um concurso para a admissão de operários serralleiros...

Levado pelas necessidades da vida que tão incertamente decorre, um naufragado nesta situação de flageladora *chômage* lembrou-se também de concorrer. Mas os concorrentes eram bastantes—e muitos deviam ser deitados abaixo...

Um empenho, forte, irresistível, de qualquer pessoa da muita intimidade do engenheiro, talvez fosse duma utilidade comprovada. A quem recorrer? Eis a interrogação formidável que abalava os alicerces fracos das congeniências desesperadas do pobre operário em percalços...

Alguem, condolido por esta sorte alitiva, o tirou de apuros, emitindo esta opinião incontestavelmente atractiva. E se fosse ao bispo arcar-lhe uma carta de recomendação para o engenheiro sr. Leal? O bispo é tão boa criatura e o engenheiro um tão excelente devoto...

Não havia que pestanejar. A ideia não podia ser mais inspiradora. Meteu esporas ao cavalo das suas ilusões e lá foi, estrada esperanças, a caminho do Paço Episcopal. Primeiro desaire: o bispo não estava; andava numa missão piedosa pelos dos seus rebanhos. Deus, porém, não dorme. E em vez do bispo, atendeu-o, muito atenciosamente, muito caritativamente, muito beatificamente, uma senhora palaciana, serva do Altíssimo e do prelado, a quem admira fundamente...

A tal senhora, com o coração a sangrar grandes piedades, animou o recém-chegado, entusiasmou-o a tal ponto, que elle já se julgava a trabalhar nos caminhos de ferro. Ah! não há como a fé duma illuminadora catequesa...

Não se alligisse. Em o bispo vindo, elle religiosamente lhe passaria a carta protectora. Enquanto não, devia voltar-se fervorosamente, exaltadamente, para a Nossa Senhora de Fátima, prometer-lhe uma vela de cera do seu tamanho, rezar-lhe e pedir-lhe a mercê de ser bem sucedido. A carta do bispo podia não ser sufficiente, era necessário obter o miraculoso benedictio da virgem de Fátima... Deveria, também, comprar um rosário para o levar pendente do pescoço quando fosse entregar a carta prelatia ao engenheiro sr. Leal...

O bom homem assim procedeu, confiante na influencia do bispo e ainda mais na postestade miraculenta da sua Fátima protectora—fez as provas exigidas pelo concurso...

E terminado elle, a montanha pariu um rato, o protegido do bispo, nem sequer foi classificado no concurso, dissipando-se, como nevroide batido pelo vento e pela luz do Sol, todas as suas sacratíssimas esperanças...

O rosário não pôde fugitar o diabo da má sorte, o demónio do terrível azar em que se prostrou o infeliz...

Que lhes agradeça agora...

C. Vieira dos SANTOS

Conversa fiada...

BERLIM, 6.—O ministro das finanças declarou que de ora avante os empréstimos alemães no estrangeiro terão menos encargos.—L.

Solução de um litigio

SANTIAGO DO CHILE, 6.—Anuncia-se oficialmente que o Chile aceitou a proposta do sr. Kellogg, secretário de estado americano para os negócios estrangeiros e árbitro na disputa do território de Tacna e Arica, o qual será entregue à Bolívia.—(H.)

PROPAGANDA SINDICAL

Trabalhadores Rurais de Cano

CANO, 1.—Com bastante concorrência, effectou-se uma sessão magna de trabalhadores rurais de Cano.

Serviu de presidente Joaquim António Gomes, que foi secretário por João Augusto Patrício e João Francisco Richau.

Aberta a sessão, foi dada a palavra a João da Silva Bonzinho referindo-se aos trabalhadores desta localidade que augmentam deste sindicato, e ainda atacam directa ou indirectamente os que são socios, dizendo também como e quem foram os assassinos de Ferrer que foram precisamente os próprios correligionários e, disse mais, combatia toda a politica, mas defendia todos os trabalhadores.

João Augusto Patrício, referindo-se à grande crise de trabalho e os salários, terem baixado e, ainda, os generos subirem de preço, terminou por pedir a todos que se associassem visto ser o colectivo interesse.

José Varela principiando por lamentar a falta de instrução por todos e dizer que todos devemos instruir-nos, para assim melhor defendermos os nossos interesses, referiu depois haver pela provincia do Alentejo grandes extensões de terreno que há muitos anos não são cultivados, o que faz com que tenhamos falta de trabalho e carestia da vida. Terminou por dizer que todos devem ser socios e unir-se para defender a classe.

Falou, por ultimo, Quirino Moreira, explicando a assistência como foi que principiou e como foi constituída a sociedade e pediu que explicassem em casa as famílias o que era a associação. Demonstrou também qual o motivo que concorria para tudo ir mal.

A sessão foi, em seguida, encerrada, em meio de muito entusiasmo e muita fé idealista.—L.

A situação na C. G. T.

Uma carta a propósito da nota das federações do Livro e do Jornal, Metalúrgica e Mobiliária

Pedem-nos a publicação da seguinte carta:

Camarda Redactor.—Tendo vindo publicado na *Batalha* de domingo, no extracto da reunião das Federações do Livro e do Jornal, Mobiliária e Metalúrgica, entre outras referências, uma que atinge a minha pessoa, em abono da verdade e da lealdade que muito prezo, pelas quais sempre canalizo as minhas atitudes, espero, confiado na vossa imparcialidade, a publicação do seguinte esclarecimento, por a supracitada referência não corresponder à verdade nem à sinceridade que caracterizou a minha situação.

Diz-se, no extracto da citada reunião:

«E ainda a da Federação Rural, ao fazer voto nulo, com a aparição de Silvino Noronha, afastado do conselho pelo organismo de cuja profissão é federado, por muitos afazeres, segundo declaração dos novos delegados do mesmo, na primeira sessão, e que agora pôde afazer-se à delegacia dos Rurais para anular um voto que esta federação tinha dado aos trabalhos das reuniões de federações».

Isto não é verdade! Quando na Federação de Indústria de que faço parte, e a cuja representação então no conselho confederal, se discutiu a circular da Comissão Administrativa da C. G. T., sobre a nomeação dos delegados ao futuro Conselho Confederal, o Conselho Geral daquela Federação opinava—sem obedecer às deliberações da reunião de federações—pela recondução dos seus delegados, só aceitando a minha substituição depois de devidamente justificada a minha situação profissional que me inibia de assistir às reuniões do conselho, por andar permanentemente no mar.

Porém, passados dias, desembarquei, e fiquei permanentemente em terra, como o camarada nomeado em minha substituição, para representar a Federação de Indústria de Transportes Marítimos e Fluviais no conselho confederal da C. G. T., é tão competente como eu, continuo com essa missão e eu continuei—muito satisfeito—sem delegacia na C. G. T.

Neste interregno de tempo, pede-me a Federação Rural para aceitar a sua delegacia; depois de muito instado resolvi aceder, não com o firme propósito de «anular votações» ou contrariar quem quer que seja, mas tão somente com o mandato imperativo de cumprir as determinações daquele organismo. Foi assim que procedi—não deixei a delegacia dos marítimos para «afazer-me» à dos Rurais.

Pensem como entender, tomem as atitudes que quiserem, mas acima de tudo sejam verdadeiros!—*Silvino Noronha*.

Luta de classes

Horário do trabalho no comércio

No Largo dos Jerónimos, n.º 3, realiza hoje, às 21 horas, o Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa, a 4.ª da 2.ª série de sessões de propaganda associativa e de esclarecimento do rigoroso cumprimento do horário de trabalho.

Na referida sessão, também, se anunciará a actividade dispndida para a consecução da uniformidade do descanso dominical e os trabalhos encetados em prol da extinção das carroças puxadas por homens ou rapazes.

Os conflitos no estrangeiro

Ecos da greve mineira na Inglaterra

LONDRES, 6.—O conflito carvoeiro será discutido pela ultima vez na câmara dos comuns na próxima quarta-feira, ao ser votada a moção de censura ao governo, apresentada pelo sr. Macdonald, *leader* do partido trabalhista. A mesma moção pede a nacionalização e reorganização da industria mineira. Espera-se que a moção seja combatida pelos liberais e apresentadas emendas por alguns conservadores, devendo a discussão ser bastante áspera em virtude das animosidades levantadas durante a greve. Este debate promete ser o mais interessante da corrente semana, devendo, provavelmente, prolongar-se até quinta-feira.—(L.)

Greve em duas fábricas

ANTUERPIA, 6.—Foi declarada a greve em duas fábricas, onde os respectivos operários não obtiveram o aumento de salário que haviam solicitado. Os proprietários ameaçam declarar o *lock-out* se a greve continuar.—(L.)

Uma representação da Associação do Pessoal do Município

O Conselho Administrativo da Associação de Classe do Pessoal do Município foi ontem à Câmara fazer entrega de uma larga exposição reclamando a dispensa da apresentação das certidões de idade e registro criminal, exigidas pela Câmara.

Na próxima quarta-feira entrevistará o sr. presidente da Comissão Administrativa, de quem espera obter uma resposta sobre o assunto.

O Conselho Administrativo, lembra ao pessoal a conveniência de aguardar a referida resposta e proceder depois, de harmonia com a mesma.

Secção telegráfica

Federações

MOBILIARIA

Sindicatos Pôrto, Coimbra, Faro e Gonçalo.—Respondam com urgência aos officios enviados.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

N. J. S. de Faro.—Recebemos o officio; foi tomado em consideração.

Aos Nucleos: Façam requisições de expediente para o novo ano.

N. J. Sindicalista de Silves.—Recebemos o officio; vamos dar-lhe o devido despacho.

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Comissão administrativa

Reúne-se amanhã, às 21 horas, para dar posse aos novos corpos directivos da C. G. T.

Comunicações

Sindicato Unico Metalúrgico.

Reúne-se no dia 3 p. m. em assembleia geral, tendo apreciado o seguinte expediente: Circular do Comité Pró-pressos por Questões Sociais e um questionário acerca da realização de conferências regionais para a criação dum Comité Nacional. Depois do conteúdo dessa circular ser largamente apreciado por vários oradores a favor e contra, foi aprovado um requerimento suspendendo a sua discussão, sem prejuizo dos oradores inscritos, a qual ficou relegada para nova assembleia especialmente convocada para esse fim; officio do camarada José dos Santos solicitando a sua suspensão do cargo de secretário geral interino do Sindicato, em vista de ter sido publicamente acusado de se locupletar com dinheiro de organismo revolucionários até que se prove que isso não passa duma calúnia. Por resolução da assembleia baixou esse officio para nova assembleia. Entrando-se no período da meia hora antes dos trabalhos é pelo camarada Emídio Santana combatida a attitudo da Federação Metalúrgica no Conselho Confederal, terminando por apresentar uma moção reprovando a attitudo dos delegados do Sindicato ao Conselho Confederal no conflito da C. G. T. e indicando para que levantem o assunto a fim-de que os delegados da Federação voltem ao Conselho Confederal e convidando a Federação a não enviar delegados à reunião de Federações.

Esta moção foi admitida e sobre ella falou o camarada Gonçalves Vidal combatendo-a energicamente com larga argumentação, demonstrando que o Sindicato não deve reconhecer os novos corpos directivos da C. G. T. por terem sido nomeados atrabiliariamente. Alivra que os delegados do Sindicato à Câmara Sindical defendam o critério que ella deve retirar os seus delegados ao Conselho Confederal e termina por achar lógica a attitudo da Federação Metalúrgica em defesa dos princípios sindicalistas. Em virtude do adiantado da hora foi suspensa a sessão, para continuar hoje.

Compositores Tipográficos.—Reúniu anteontem a assembleia geral para continuação dos trabalhos encetados na reunião de 4 de Dezembro, e apreciar o relatório dos seus delegados ao recente congresso da Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa. Entrando na ordem dos trabalhos foi lido o relatório sobre o qual resultou grande discussão, na qual tomaram parte os camaradas Augusto Machado, José Romero, Joaquim Castelo, Virgílio Santos, Soares da Costa, e outros.

Depois de largamente debatido este assunto, Lister Franco envia para a mesa a seguinte moção de ordem:

«A assembleia geral dos Compositores Tipográficos, apreciando o relatório dos seus delegados ao congresso local operário, tendo em vista que apenas o delegado José Augusto Machado soube interpretar o sentir deste sindicato sobre a posição internacional da Central Portuguesa, lamenta o facto consumado, visto não o poder remediar e passa à segunda parte da ordem dos trabalhos».

Esta moção foi aprovada por 19 votos contra 9 e 4 abstenções.

Em seguida foram nomeados para delegados ao Tribunal dos Arbitros Avindores, Soares da Costa e Virgílio Moura Santos. A assembleia prossegue na sexta-feira às 17 horas.

Federação do Ramo de Alimentação.—Reúniu a Comissão Executiva que appreciou diverso expediente entre elle um officio e credenciais do Sindicato dos Manipuladores de Pão de Santarém accreditado os seus delegados ao Conselho Confederal. Appreciou uma circular da C. G. T. sobre os presos deportados e resolveu enviar circulares a todos os organismos da Alimentação para se pronunciarem sobre o assunto.

Esta comissão pede a todos os sindicatos que ainda não enviaram as credenciais dos seus delegados ao conselho que o façam com urgência para os mesmos poderem tomar assento no Conselho Confederal por estes dias vai ter a sua primeira reunião.

Esta comissão volta a reunir na próxima sexta-feira.

Convocações

REUNEM HOJE:

S. U. Mobiliário.—Pelas 20,30 horas, a comissão administrativa, para assunto urgente.

S. U. da C. Civil.—Pelas 20 horas, a comissão administrativa, juntamente com o conselho de secções e um delegado por cada comissão administrativa das secções profissionais.

Pessoal do município.—A assembleia geral, pelas 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

Appreciar a situação interna do Sindicato e nomear corpos gerentes para 1927.

S. U. Metalúrgico.—Pelas 18 horas o pessoal da Companhia Portuguesa de Pesca (Olho de boi) a fim-de lhe ser participado o resultado das negociações junto da administração geral da mesma companhia.

Pelas 20 horas prefixas, em assembleia geral, para continuação dos trabalhos penitentes da ultima sessão.

Manipuladores de Pão.—A comissão administrativa, pelas 14 horas, para assuntos de importância colectiva.

Impressores Tipográficos.—A direcção e cobrador, às 20,30 horas.

Sindicatos da provincia

Federação dos Trabalhadores Rurais—Conselho Federal.—Reúniu em 28 de novembro com a representação dos Sindicatos de Silbório, Vila Olíria, Seda, Vila Boim, Elvas, Terrugem, Ervidal, Beja, Vila Fronteira, Souzel, Cano, Santo Aleixo, São Manços, Graça do Divor, Borba, Montemor, Machado, Fonte e Montoito. Appreciou o estado do sindicato de Borba, resolvendo enviar lá um delegado quando julgar oportuno. Tomou conhecimento da acção do delegado Silvino Noronha

junto do conselho confederal. Appreciou a circular publicada na *Batalha* de 28 p. p. enviada aos sindicatos, sendo resolvido tomá-la em consideração e continuar na ordem dos trabalhos. Appreciou o estado financeiro da Federação e, verificando haver um débito elevado dos sindicatos para com esta, foi resolvido officiar aos mesmos para que satisficam os débitos com urgência para que a Federação possa satisfazer os seus encargos para com a C. G. T. Appreciou ainda o extracto do conselho federal de 14 e reunião de 20 p. p., verificando que não foram publicados na integra foi resolvido enviar, de futuro, os extractos ao secretário-geral a fim-de as resoluções do conselho serem publicadas integralmente.

Litógrafos e Anexos.—A comissão administrativa ouviu a exposição dos delegados à Federação, sendo apreciada a posição tomada pela Federação perante a C. G. T. Foi aprovado um protesto contra as resoluções da Federação e resolveu-se officiar aos organismos do norte acerca do assunto. Por fim decidiu-se a próxima convocação da assembleia geral, com o fim de discutir a situação.

U. S. O. de Faro.—Em reunião da comissão administrativa foi apreciado um artigo publicado em *A Batalha*, da autoria de um camarada que fez parte da anterior comissão administrativa da C. G. T., o qual, referindo-se às resoluções do novo conselho confederal, diz: «... nunca esperei tamanho descaço às deliberações tomadas na sessão do C. C., de 24 de agosto do corrente ano. Ora tendo esta União sido um dos organismos que aprovou as últimas resoluções do novo C. C., e podendo alguém, por desconhecimento de causa, supor que houve da parte desta União incoerência ou colaboração em... uma farça jesuítica, devemos esclarecer que esta União não deu o seu voto às resoluções da reunião das Federações, como se pode verificar no nosso officio n.º 31, de 13 de agosto do corrente ano, enviado à comissão de federações e delegados desta União ao C. C., nessa data, antes se verificou uma falta de consideração por este organismo e de respeito pela sua autonomia sindical, não ligando importância às razões expostas no referido officio, como se verificou pelo silêncio feito sobre o mesmo».

S. U. Vinícola do Pôrto.—Reúniu a assembleia geral. O delegado que foi à capital, apresentou os seus trabalhos, com os quais a assembleia concordou plenamente.

Foi nomeada a comissão administrativa do Sindicato e as comissões executivas das várias secções da industria.

A comissão administrativa ficou assim constituída:

Secretário geral, Joaquim Domingos do Couto; secretário adjunto, Domingos Gomes; secretário administrativo, Joaquim Pinto; tesoureiro, Manuel de Sá Cambôa; vogais, Alberto Pereira Neiva, Joaquim Rodrigues Adegas, Francisco Martins e Manuel de Azevedo; secretário arquivista, Arminio Rodrigues Borges.

Secção dos trabalhadores em armazéns: Agostinho de Almeida, Artur Alves Franco e José Soares.

Secção dos caixoteiros: Joaquim Pinto de Sousa, Arnaldo Soares Ferro e Ricardo Casimiro.

Secção de mecânicos: José Ventura, António Lourenço, Alberto Pereira Neiva e José Rodrigues Adegas.

Secção dos fabricantes de palha para garrafas: José Correia, J. Moreira dos Santos e Manuel da Silva Machado.

Secção dos tanoeiros: Abraão Dias, Alexandre da Rocha e Joaquim dos Reis Azevedo.

Assembleia geral: secretário, António José de Passos, António de Barros, aludindo à situação financeira, que classifica de precária, manifesta a ideia da descon-federação temporária.

Rebatendo esta opinião, falaram Francisco de Sá e Domingos do Couto, que defenderam com rudeza, mas com bastante entusiasmo sincero a C. G. T. e o sindicalismo revolucionário. Demonstraram que a má situação financeira, em que se encontra, deve-se à terrível crise de trabalho, que avassala a industria vinícola, manifestando-se assembleia, unanimemente pelas afirmações dos últimos oradores.

Solidariedade

No Grupo Dramático Solidariedade da Construção Civil de Tires realiza-se no próximo sábado, às 21 horas, um grandioso espectáculo em favor da caixa de auxilio na doença dos operários da construção civil de Tires, subindo à scena o drama social «Frutos da Sociedade» e havendo um acto de variedades.

Comité Pró-Pressos por Questões Sociais

Reúne-se hoje, pelas 18 horas, este comité, para apreciação de trabalhos a apresentar à próxima conferencia de Lisboa.

António Gonçalves

Declara-nos que lhe foi entregue pelo camarada António Bastos a importância de 4865 proveniente de uma quota tirada na obra do Manicómio pelo dito camarada.

Sociedade A VOZ DO OPERARIO

OBRAS NA SEDE SOCIAL

Encontra-se aberto concurso até 20 de corrente mês inclusive, para a construção e assentamento de duas galerias no salão.

O caderno de encargos e demais condições encontram-se patentes no escritório da Sociedade, rua da Voz do Operário, 13 todos os dias úteis, das 10 às 17 horas.

As propostas serão abertas oportunamente na presença dos concorrentes.

Lisboa, 5 de Dezembro de 1926.

O governo francês apavorado

NICE, 6.—Um comunicado do prefeito de Nice explica que as medidas militares recentemente tomadas na região de Nice se destinam apenas a prevenir quaisquer perturbações eventuais, que poderiam ser suscitadas por certos elementos estrangeiros, e a permitir que os turistas estrangeiros possam continuar tranquilamente na Côte d'Azur. «A calma é absoluta».—(H.)

AS INICIATIVAS ÚTEIS

Liga de Acção Educativa

A iniciativa de um grupo de professores, homens ansiosos pela perificação humana, deve merecer a simpatia do operariado. Trata-se da Liga de Acção Educativa, que procura difundir a instrução nas classes populares.

A Liga prepara a breve saída de um órgão na imprensa, uma revista que comunique as suas ideias e os seus objectivos ao povo e aos estudiosos.

Do trabalho já effectuado pela Liga consta a publicação de uma folha volante. Destaquemos o que se refere à sua organização e expansão:

«Logo após a sua primeira reunião, a Comissão Executiva, eleita nas reuniões públicas effectuadas em Janeiro, na Escola «Officina n.º 1, teve de preoccupar-se com a organização da L. A. E. de harmonia com o que preceituava o Estatuto aprovado. Este período de organização tem sido muito moroso